

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XII



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1973

FÍBULAS PRÉ-ROMANAS E ROMANAS DE CONÍMBRIGA

INTRODUÇÃO

As fíbulas que publicamos provêm de escavações efectuadas em Conímbriga antes de 1962, ano de abertura do Museu Monográfico. Ilustramos 75 peças, na sua maioria incompletas, que procurámos classificar tipologicamente e datar. Dada a carência de dados estratigráficos, a cronologia baseia-se exclusivamente nos paralelos que encontrámos para a maioria das peças.

Todas as fíbulas são de bronze e vão reproduzidas em tamanho natural.

Nas descrições utilizamos, sempre que possível, uma terminologia internacionalmente aceite. Na sua ausência, propomos alguns termos novos.

Estruturalmente, a fíbula comporta quatro elementos básicos: arco, cabeça, fusilhão e pé.

O *arco* ou *ponte* (al. *Biigel*; ingl. *bow*; fr. *are*; esp. *arco* ou *ponte*) é a parte central da fíbula. Divide-se em duas zonas: a *parte superior* ou *ombro* (al. *oberer Biigelteil*; ingl. *upper part of bow*; fr. *partie supérieure de Vare*; esp. *estribo* ou *parte superior del arco*) imediatamente a seguir à cabeça, e a *parte inferior* (al. *unterer Biigelteil*; ingl. *lower part of bow*; fr. *partie inférieure de Vare*; esp. *estribo* ou *parte inferior del arco*) que precede o pé.

A forma do arco basta, por si só e na maioria dos casos, para definir um tipo: *em cotovelo* (al. *Kniefibel*; ingl. *elbow brooch*; fr. *fibule d*are brisé*, esp. *fibula en codo*), *de antenas* (al. *Antennenfibel*; ingl. *antenna brooch*; fr. *fibule à antennes*; esp. *fibula de antenas*), *serpen-*

tiforme (al. *Shlangenfibel*; ingl. *serpentine brooch*; fr. *fibule serpentine*;; esp. *fibula serpentina*), em folha de salgueiro (al. *Weidenblattbügel*;; ingl. *willow bow*; fr. *arc à saule*; esp. *hoja de sauce*), em folha de loureiro (al. *Lorbeerblatt-bügel*; ingl. *laurei bow*; fr. *arc à laurier*; esp. *hoja de laurel*), em trombeta (al. *Bügeltrumpete*; ingl. *trumpet brooch*; fr. *arc en trompette*; esp. *arco en trompeta*), em cabeça de animal (al. *Tierkopf*; ingl. *animal head*; fr. *tête d'animal*; esp. *cabeza del animal*), em forma de corcunda (al. *Hockerfibel*; ingl. *humped brooch*; fr. *fibule à brosse*; esp. *fibula en forma de corcova*), em forma de golfinho (al. *Delphinfibel*; ingl. *dolphin-brooch*; fr. *fibule à arc de dauphin*; esp. *fibula en forma de delfin*), de forma ocular (al. *Augenfibel*; ingl. *eye brooch*; fr. *à yeux ou oculée*; esp. *fibula occulada*), em naveta (al. *Navecilltype*; ingl. *little ship-brooch*; fr. *fibule à navette*; esp. *arco de navecilla*), em omega (al. *Omegafibel*; ingl. *penannular brooch*; fr. *fibule à omega*; esp. *Ómega*).

A cabeça (al. *Kopf*; ingl. *head*; fr. *tête*; esp. *cabeza*) é a zona de articulação da fibula. Distinguem-se dois tipos: cabeça em mola (al. *Spirale*; ingl. *spring*; fr. *ressort*; esp. *muelle*) e cabeça em charneira (al. *Scharnier*; ingl. *hinge*; fr. *tête a charnier*; esp. *chamela*).

A mola pode ser unilateral (al. *Spiralrolle einseitig*; ingl. *unilateral spring*; fr. *ressort unilatéral*; esp. *muelle unilaterale*) ou bilateral (al. *Spiralrolle zweiseitig*; ingl. *bilateral spring*; fr. *ressort bilatéral*; esp. *ballesta*) e em ambos os casos consiste num arame enrolado em espiral. Se o enrolamento se processa apenas para um lado, a mola diz-se unilateral; chama-se bilateral quando, enrolando-se para um dos lados do arco, de dentro para fora, salta depois ao lado oposto, enrolando-se agora de fora para dentro. A mola bilateral forma portanto um T com o arco.

A corda (al. *Sehne*; ingl. *cord*; fr. *corde*; esp. *tendon* ou *cuerda*), isto é, aquele segmento não enrolado da mola, passa por dentro ou por fora do arco, e por isso diz-se interior (al. *innere Sehne*; ingl. *internai cord*; fr. *corde interne*; esp. *parte interior del tendon*) ou exterior (al. *äussere Sehne*; ingl. *external cord*; fr. *corde externe*; esp. *parte exterior del tendon*).

Nas fibulas com mola bilateral de corda exterior ao arco, a corda é sustida pelo travão (al. *Sehnenhaken*; ingl. *cord-hook*; fr. *crochet de corde*; esp. *gancho del cuerda* ou *del tendon*). Nalguns

casos, este travão tem a forma de um gancho que nasce no extremo inferior do arco. Noutros, o travão reveste a forma de uma placa rectangular ou circular (al. *Spiralhiilse*; ingl. *rectangular* ou *cylindrical wing*; fr. *plaque rectangulaire ou circulaire ou lamelle*; esp. *placa*).

A *charneira* comporta três variedades:

a) A extremidade superior do arco forma um espelho rectangular chanfrado ao centro, cuja extremidade se dobra para trás, prendendo o eixo, como nas fibulas de Aucissa.

b) A extremidade superior do arco enrola-se para trás até formar um tubo perpendicular àquele e chanfrado ao centro como na variante anterior; nele se introduzirá o eixo. Este dispositivo é próprio das fibulas cruciformes.

c) A charneira é constituída por uma pequena placa dobrada em U, perfurada para receber o fusilhão e soldada à extremidade superior do arco. Estão neste caso as fibulas de timbale.

O *eixo* (al. *Achse* ou *Stift*; ingl. *axis of spring*; fr. *axe de ressort*; esp. *eje del estribo*) é formado por um arame que serve de suporte à cabeça e ao fusilhão. Apresenta-se sob duas formas:

a) *Dependente*, quando uma das suas extremidades se enrola sobre si mesma, originando a mola e o fusilhão. Este é o eixo típico das fibulas de mola.

b) *Independente*, quando se trata de uma peça solta. Este tipo de eixo é próprio da fibula de charneira.

O *fusilhão ou agulha* (al. *Nadel*; ingl. *pin*; fr. *ardillon*; esp. *alfiler*) tem por função prender o vestuário. Tal como o eixo, pode ser *dependente* ou *independente*.

No primeiro caso representa, ou um prolongamento do eixo, que, enrolado à volta de si próprio, forma a mola antes de constituir o fusilhão, como nos tipos Alcores e Bencarrón, ou um prolongamento da mola enrolada à volta do eixo, que neste caso é um elemento solto, como no tipo Golfo de Leão.

O fusilhão independente é formado por uma peça feita à parte, cuja extremidade superior, perfurada, é atravessada pelo eixo que assim o liga à cabeça da fibula.

O *pé* (al. *Fuss*; ingl. *foot*; fr. *pied*; esp. *conterà, pie* ou *parte posterior de la fibula*) é a ponta terminal do arco oposta à cabeça. Pode alastrar numa placa que inferiormente se dobra em goteira,

criando um *descanso* (al. *Nadelhalter*; ingl. *catch-plate*; fr. *porte-aiguille*; esp. *muesca* ou *apoyo*) para o fusilhao. Para além do seu aspecto funcional, o pé apresenta uma função ornamental, revestindo diversas formas. O pé pode hastear-se verticalmente, formando um *apêndice caudal* (al. *Zuruckgebogenem Kugelfuss*; ingl. *recurved knobbed foot*; fr. *ped recourbé*; esp. *pie alto* ou *vuelto*); noutros casos prolonga-se recuando sobre o arco, ao qual pode vir a unir-se.

Além dos quatro elementos básicos apontados, a fibula anular hispânica apresenta um *aro* ou *anel* (al. *Ringfibel*; ingl. *ring*; fr. *anneau*; esp. *anillo*) que atravessa a cabeça e o pé. Trata-se de um elemento verdadeiramente supérfluo, mas que confere a este tipo de fibula uma feição inconfundível.

1. FIBULA DE DUPLA MOLA. TIPO SCHÜLE 2A (SÉC. VII — VA. C.)

A fibula de dupla mola é urna das formas mais arcaicas da Península Ibérica. A sua longa duração explica as inúmeras alterações formais que sofreu.

Estruturalmente, trata-se de uma fibula feita de uma única peça. A extremidade que funciona de fusilhão enrola-se em espiral, dobra-se para formar o arco e, em seguida, no sentido inverso e paralelo ao primeiro movimento espiraliforme, enrola-se no mesmo número de espiras (4 a 7), para terminar num pé recto ou ligeiramente aberto. O arco assume formas variadas, desde o simples arame de secção circular (tipo 2a de Schüle) (1) à placa rectangular ou romboidal (tipo 2b e 2c de Schüle) (2). Alguns arcos em folha de salgueiro ou cruz de Malta (tipo 2d de Schüle) (3) são sublinhados por motivos ornamentais repuxados ou incisos. Outros possuem placas circulares ou rectangulares aderentes à fibula, de modo a cobrir o espaço compreendido entre as duas molas (4). (*)

(*) Schüle, 1969, p. 144, fig. 41.

(2) Schüle, 1969, p. 144, figs. 42-43.

(3) Schüle, 1969, p. 144, fig. 44.

(4) Navarro, 1970, p. 35, fig. 7, n.ºs 3 e 4.

O pé acusa, igualmente, variações formais e ornamentais. Inicialmente, o pé em ângulo recto é curto, para depois se tornar longo e largo. Nas formas mais evoluídas é sublinhado, por vezes e na extremidade, ou por pequenos botões esféricos ou cónicos, ou por pequenos travessões perpendiculares ao mesmo ⁽⁵⁾.

Os exemplares de Sanchorreja ⁽⁶⁾, Cortes de Navarra, Molá e Castellones de Ceai (Jaén)⁽⁷⁾ provam que o modelo com arco simples de secção circular e pé curto é mais antigo que o de pé longo e largo. O primeiro aparece em estratos do séc. vn a.C., enquanto a fibula de pé longo e largo se situa nos sécs. vi e v a.C.

O nosso exemplar integra-se no grupo de fíbulas de arco simples, de secção circular e de mola dupla formada por 6 espiras. Apesar do seu estado fragmentário, é possível reconstituí-la fielmente, dada a identidade formal com uma fibula de Tossal Redó (Teruel) ⁽⁸⁾, depositada no Museu Arqueológico de Barcelona. Trata-se de uma peça grande, de dimensões iguais às do nosso exemplar, incompleta (falta-lhe o fusilhão) e com um pé largo e longo. Esta fibula foi encontrada num estrato datável do séc. v a.C., acusando desta forma um tipo tardio. O nosso exemplar poderá situar-se, portanto, no séc. v a.C.

Dada a abundância e variedade formal desta fibula na Península (Catalunha, Andaluzia e Meseta) e da sua raridade além Pirenéus (Languedoc e Russilhão), várias arqueólogos teceram diversas considerações sobre a sua origem e cronologia. Exceptuando Maluquer de Motes e Schüle, os restantes especialistas que estudaram esta fibula apontam como protótipos os modelos vindos ou do Mediterrâneo Oriental ou da Itália.

Maluquer de Motes ⁽⁹⁾, ao estudar o material de Agullana, de Molá e de Sanchorreja, considera que os protótipos provenientes da Europa Central evoluíram nas culturas hallstáticas do Sudeste Francês e da Península, onde alcançaram o seu máximo desenvolvimento e esplendor no séc. v a.C.

⁽⁵⁾ Cuadrado, 1963, p. 15, fig. 3, h; Schüle, 1969, p. 144, fig. 43.

⁽⁶⁾ Maluquer de Motes, 1958 (1), fig. 17.

⁽⁷⁾ Freijeiro, 1960, p. 25, fig. 44 e p. 27, fig. 46.

⁽⁸⁾ Bosch Gimpera, 1915-20, pág. 469.

⁽⁹⁾ Maluquer de Motes, 1958 (1), fig. 17.

Schüle ⁽¹⁰⁾ admite que o prototipo desta fibula se encontra no Languedoc no séc. VIII a.C., ou seja, no período II de Louis-Taffanel.

Por seu turno, Almagro ⁽¹¹⁾ aproxima o tipo de Tossal Redó de um modelo oriental representado por um exemplar procedente de Hama (Síria), achado por Riis num túmulo da área G IV atribuível ao séc. xi-x a.C. Este tipo oriental teria sido introduzido na Península pelo comércio jónio-cretense ou fenício.

Rosário Navarro ⁽¹²⁾ perfilha a opinião de Almagro, que reforça com resultados das escavações de Torre del Mar, Cortijo de los Toscanos (Málaga), dirigidas por Schubart, e das de Cerrillo de las Sombras, Frigiliana (Málaga), realizadas por Arribas. Nas primeiras ⁽¹³⁾, Schubart encontrou uma fibula de dupla mola de grandes dimensões num túmulo real fenício datado do séc. vi a.C. Nas últimas, Arribas ⁽¹⁴⁾ descobriu uma série destas fibulas em túmulos datáveis do séc. VII a.C., associadas a materiais que acusam filiação púnica. Não é só na área malaguenha que se nota esta filiação, mas também na catalã: Molá, Tosseta, Can Canyís, Mas de Mussols (em La Palma, Tortosa). Os materiais desta última estação situam-se nos séculos vii-vi a.C.

Por outro lado, Sundwall ⁽¹⁵⁾ considera as fibulas de dupla mola uma modalidade das fibulas italianas dos séc. IX-VII a.C. Kimmig ⁽¹⁶⁾, defendendo a mesma ideia, coloca as fibulas italianas entre os sécs. vm-vi a.C. Aberg ⁽¹⁷⁾ é de opinião que a fibula de dupla mola é urna resultante da de cotovelo *ad occhio* da Sicília, a qual sofreu modificações formais nos dois períodos da 1.^a Idade do Ferro da Itália Central ⁽¹⁸⁾ (1000-850 e 850-700 a.C.) e chegou à Espanha na primeira metade do séc. VII a.C.

⁽¹⁰⁾ Schüle, 1961, p. 32.

⁽¹¹⁾ Almagro, 1966, ps. 222-229.

⁽¹²⁾ Navarro, 1970, p. 38.

⁽¹³⁾ Navarro, 1970, p. 38.

⁽¹⁴⁾ Arribas, 1969, fig. 202.

⁽¹⁵⁾ Sundwall, 1943.

⁽¹⁶⁾ Kimmig, 1954, p. 55 e 64.

⁽¹⁷⁾ Aberg, 1930.

⁽¹⁸⁾ Aberg, 1930, fig. 445, túmulo 255 (Benacci).

Perfilhamos a opinião deste arqueólogo. A fíbula de cotovelo siciliana, abundante em toda a Itália Central, mormente no período II de Aberg, chegou à Espanha pelo menos no séc. vil a.C. trazida por Fenícios, Gregos e Púnicos. Difundiu-se por toda a Península, entre os sécs. vn e v, embora a maior concentração se verifique no Levante e na Meseta ⁽¹⁹⁾.

1. Fragmento que conserva o arco e a dupla mola. O aro é de secção circular. Cada mola compõe-se de seis espiras.

2. FÍBULAS SEM MOLA

Das escavações anteriores a 1962, Conimbriga possui dois exemplares originais pela forma e funcionamento invulgares. São fíbulas formadas por duas peças, que se encaixam uma na outra de modo a criar uma figura geométrica quadrangular ou romboidal. Uma funciona de fusilhão, a outra de arco. O arco filiforme e roliço descreve um L não anguloso, originando um pé longo e largo, com uma extensão lateral que funciona de descanso. O fusilhão, de formato idêntico ao do arco, dobra-se em ângulo recto ou obtuso e encaixa num olhai existente na extremidade do arco. Num dos exemplares (n.º 2), a ponta terminal do fusilhão que encaixa na abertura existente no arco torna-se mais volumosa. Ambos os exemplares se encontram incompletos. De um deles (n.º 3) conserva-se apenas a peça que funciona de arco; do outro (n.º 2), a que serve de fusilhão. Para a reconstituição destas duas peças servimo-nos de um exemplar completo, igualmente de Conimbriga, proveniente das escavações de 1965. Este objecto foi achado nos alicerces da basílica augustana, os quais assentam numa camada de destruição de habitações da Idade do Ferro.

Trata-se de um tipo de que só conhecemos os exemplares de Conimbriga. Todavia, uma peça ilustrada e estudada por

^(1#) Cuadrado, 1963, mapa 2; Schiile, 1969, mapa 2.

Aberg ⁽²⁰⁾ sugere do ponto de vista formal e estrutural o tipo apenas encontrado em Conímbriga. Essa peça provém de Falérios ⁽²¹⁾ e é datável do séc. vm a.C.

2. Fusilhão formado por um arame grosso de secção circular, dobrado em L e com a extremidade superior em forma de cone.
3. Fragmento que conserva o arco e o pé. O arco é fitiforme, dobrado em L e de secção rectangular; a extremidade superior forma urna placa arredondada e perfurada ao centro. Neste orifício conservam-se vestígios do fusilhão. O pé é alongado e provido de um descanso.

FIBULA DE BENCARRÓN. TIPO SCHÜLE 4b (SÉC. VII? VI A.C.)

Este tipo integra-se no vasto grupo de fíbulas de pé alto. É frequentemente denominado fibula em folha de loureiro.

Caracteriza-se pelo arco laminar de forma alongada, a mola em besta, o pé dobrado para trás formando um pequeno apêndice caudal, que por vezes se termina por um botão ou por uma cabeça de ofídio.

Estruturalmente, a peça compõe-se de duas partes. A primeira comporta o eixo, a mola e o fusilhão (est. IIb). É feita com um arame que se dobra em U, criando o eixo, em seguida descreve uma curva ampla até atingir o centro desse mesmo eixo, enrolando-se então à volta dele, para a direita, em duas ou três espiras que constituem a mola, e por fim forma o fusilhão. A segunda comporta o arco e o pé. Ao atingir o eixo, a extremidade superior do arco fixa-se nele, enrolando-se para a esquerda do mesmo. A extremidade oposta forma o pé, que se alastra lateralmente criando um descanso para o fusilhão. Na maioria dos casos o arco é decorado com estrias longitudinais.

⁽²⁰⁾ Aberg, 1930, p. 69.

⁽²¹⁾ Aberg, 1930, p. 69, fig. 194, Narce (Falérios).

Ao lado da forma típica em folha de loureiro, o arco apresenta por vezes a forma de um cordão. Esta variante é rara.

Ainda que derivado do tipo Alcores, o tipo Bencarrón apresenta certos pormenores que o individualizam:

- a) presença de um pé alto terminando num botão ou em cabeça de ofídio.
- b) arco laminar em folha de loureiro.
- c) fusilhão recto.
- d) redução da passagem do arco ao pé.

O emprego do apêndice caudal rematado por um botão foi sugerido por fíbulas serpentiniformes italianas que aportaram à Andaluzia, segundo Cuadrado ⁽²²⁾, por volta de 750 a.C.

O arco laminar deriva nitidamente do tipo Alcores, mas apresenta-se como urna forma estereotipada ⁽²³⁾. O fusilhão recto substitui o do tipo Alcores, de curvatura bastante pronunciada. Esta transformação explica o desaparecimento da curva alongada descrita pela parte inferior do arco.

A mola deste tipo é considerada por vários especialistas uma criação peninsular, dado não aparecer além Pirenéus. A sua presença verifica-se em Bencarrón, Albacete, Ocaña, Sanchorreja, León, Quintos (Beja), Santa Olaia ^(M) e Conimbriga.

A cronologia exacta do tipo Bencarrón ainda não foi precisada, dada a carência de dados seguros.

Blanco Freijeiro ⁽²⁵⁾ situa entre 650 e 600 os marfins da necrópole de Bencarrón com os quais este tipo apareceu associado. Schüle ⁽²⁶⁾ atribui-o igualmente ao séc. VII. Segundo este autor, serviu de ponte entre os tipos de dupla mola e Acebuchal. Considerando como seu protótipo o tipo de dupla mola que surge no Sul da França no séc. VIII, e colocando o tipo Acebuchal entre os fins do séc. VII e os princípios do séc. VI, o tipo Bencarrón só poderá, segundo este autor, situar-se no séc. VII. Em contra-

⁽²²⁾ Cuadrado, 1963, p. 19.

⁽²³⁾ Schüle, 1969, fig. 146-47, figs. 47 e 51.

H Cuadrado, 1963, p. 31-32, fig. 6.

⁽²⁵⁾ Freijeiro, 1960, p. 23-24.

⁽²⁶⁾ Schüle, 1961, p. 21-38.

partida, Cuadrado (27) propõe uma cronologia mais baixa, cerca de 525, dado que atribui o tipo de dupla mola ao séc. vn.

4. Fragmento a que falta parte do arco e o pé.
O arco laminar e de forma losangonal muito alongada prende-se à volta do eixo por meio de duas espiras.
A mola é bilateral, assimétrica e de corda interior ao arco.
O eixo, de secção rectangular, constitui uma peça solta.

Est. Ila Fusilhão de uma fibula do mesmo tipo, de cabeça dobrada numa espira.

Est. Ilb Fragmento que conserva o eixo, a mola e o fusilhão. Todos eles se formam a partir de um só arame.

FÍBULA TRANSMONTANA. TIPO SCHÜLE 4h (POSTERIOR AO SÉC. IV—SÉC. I A.C.?)

O tipo transmontano tem particularidades estruturais e decorativas que o distinguem e individualizam no meio de toda a produção peninsular.

Estruturalmente, este tipo comporta quatro elementos básicos: arco-pé, eixo, mola e fusilhão. Os dois primeiros são feitos de uma só peça.

O arco assume invariavelmente a forma de uma naveta invertida, seja qual for o seu traçado, ogival, parabólico (n.os 5-8), semicircular (n.os 9-10), ou abatido.

O pé, de dimensões reduzidas, é prolongado por um apêndice caudal, volumoso e decorado.

O eixo constitui uma peça solta, que se enfia nas cabeças do arco e do fusilhão, ambas em forma de argola. De ambos os lados do eixo, processa-se o enrolamento do arame que forma, assim, a mola. Esta é bilateral, simétrica. A corda interior ao arco trava o fusilhão.

A fibula transmontana é decorada, por vezes de modo barroco, sobretudo no arco e no apêndice caudal. A parte central do arco converte-se, nalguns casos, numa crista em forma de crescente,

(*7) Cuadrado, 1963, p. 45.

sendo esta delimitada pela constante e típica ornamentação anelar. A mesma decoração de anéis ocorre no apêndice caudal onde, porém, frequentemente alterna com outros ornatos. Em formas mais rebuscadas, o apêndice caudal ostenta superiormente um berloque, do qual penderiam argolas e pingentes. Poderemos aludir, neste caso, ao exemplar de Argozelo (Vimioso) ⁽²⁸⁾.

A especificidade da fíbula transmontana foi já salientada por José Fortes ⁽²⁹⁾ ao estudar o material do Noroeste Peninsular. Recentemente, Schüle ⁽³⁰⁾ retomou o seu estudo. Este autor integra a fíbula transmontana no seu tipo 4h, (*Fibeln mit hochgebogenem Fuss*) ⁽³¹⁾, que define essencialmente pela dimensão e ornamentação do pé alto, associadas, porém, à robustez do arco e redução do pé. Consideramos todavia a fíbula da fig 59f de Schüle uma forma específica, abundante e constante numa determinada zona geográfica, e achamos preferível distingui-la das fíbulas a-e da mesma figura. Por outro lado, a individualidade da fíbula transmontana reside não só nos aspectos referidos por Schüle, mas também no tipo de mola que a forma ostenta. Este elemento torna-se, assim, num factor decisivo para a caracterização da fíbula transmontana, factor esse que Schüle não considerou. Deste modo, temos de repartir em dois grupos a articulação da fíbula de cabeça em mola; no primeiro grupo, a cabeça compõe-se de três zonas: arco, eixo e mola-fusilhão (est. III d); no segundo, o fusilhão torna-se uma peça independente (ests. lile, e-f). É neste último grupo que se integra a fíbula transmontana.

Discute-se, igualmente, o centro criador e difusor deste tipo, ao qual se liga um tipo de cultura. A. Blanco Freijeiro ⁽³²⁾, ao estudar a fíbula transmontana, diz que a sua área geográfica predominante é a pertencente aos Verracos ou a de sua influência e aos conventos jurídicos de Bracara e Lucus. Atribui a este povo o fabrico da fíbula transmontana, alegando que este coincide

⁽²⁸⁾ Lopo, 1900, p. 336-337, n.º 2; Fortes, 1905, p. 24, fig. 19. O exemplar ilustrado por Fortes é de cobre.

⁽²⁹⁾ Fortes, 1905-08, p. 15-33.

⁽³⁰⁾ Schüle, 1969.

⁽³¹⁾ Schüle, 1969, p. 148, fig. 59.

^(M) Freijeiro, 1957,

com a mesma área de difusão das «rudes esculturas animalísticas». Esta cultura teria como centro difusor a Galiza.

É provável que a produção desta fibula esteja relacionada com a cultura dos Verracos. Contudo, as provas são demasiado frágeis para o afirmarmos. Temos apenas, como dados seguros, a presença em larga escala deste tipo na Galiza (Outeiro de Baltar)⁸³⁾ e no Norte de Portugal (prov. de Trás-os-Montes)⁸⁴⁾. A sua presença manifesta-se ainda nos Altos Pirenéus (Avezac-Prat) e Aquitania e noutros pontos da Península, não ultrapassando, porém, o rio Tejo⁸⁶⁾.

A sua cronologia constitui também uma questão em aberto, dada a carência de testemunhos estratigráficos seguros. É certo que, nalguns casos, a fibula transmontana aparece associada a testemunhos romanos, como sucede nos castros portugueses. Não se pode, porém, dar crédito a estes dados, dada a inexistência de um estudo profundo e sistemático dos mesmos.

Todavia, não é menos certo que a profusão ornamental e evolução estrutural da fibula supõe uma produção posterior ao séc. iv a.C. A confirmar a nossa suspeita, W. Schüle observa que no Norte e Noroeste da Península este tipo é frequente no período romano republicano⁸⁵⁾.

5. Fragmento que conserva o arco, o pé e o descanso.
O arco em forma de naveta invertida é parabólico. É decorado ao centro por uma moldura longitudinal e em ressaltado. As suas extremidades são ornadas por anéis.
O pé é triangular e, ao alargar-se lateralmente, forma o descanso. Este é decorado verticalmente por três sulcos.
6. Fragmento que conserva o arco e parte do pé.
A forma do arco é idêntica à anterior. É decorado com molduras, anéis e sulcos em ziguezague.
O pé é triangular.

(⁸³⁾ Schüle, 1961.

(⁸⁴⁾ Fortes, 1905-08, p. 20-21; Lopo 1900 (1), fig. 249-253.

(⁸⁵⁾ Schüle, 1961, p. 6; 1969, Est. 111, n.º 12; Est. 164, n.º 23, 28; Est. 168, n.ºs 5-6; Moran, 1956-61, p. 98-136, figs. 7-11; Maluquer de Motes, 1958, Est. 22, n.º 3 (data-as dos fins do séc. VI — princípios do V a C.); Chaves, 1955, p. 265, fig. 8; p. 269, fig. 14.

(⁸⁶⁾ Schüle, 1969, p. 150.

7. Fragmento que conserva o arco e a cabeça.
O arco tem a forma dos anteriores. É decorado com uma fina moldura longitudinal e anéis.
A cabeça é perfurada, formando um olhal.
 8. Fragmento que conserva o arco, o pé e parte do descanso.
O arco tem a mesma forma e decoração do anterior.
O pé é triangular.
O descanso está fragmentado e é decorado por três estrias verticais.
 9. Fragmento que conserva o arco, o pé e o descanso.
O arco é semicircular e decorado com uma fina moldura longitudinal e anéis.
O pé é triangular.
O descanso é decorado com 3 estrias verticais.
 10. Fragmento que conserva o arco, o pé e o descanso.
O arco é semicircular, decorado longitudinalmente por um sulco delimitado por traços paralelos e por largas molduras transversais nos extremos.
O pé é triangular e ao alargar-se lateralmente forma o descanso.
- Est. Iile Fragmento que conserva o eixo, os seus discos terminais e parte da mola, simétrica e de corda interior ao arco.
- Est. 11 Id Fragmento que conserva o eixo, os seus discos terminais e parte da mola.
O eixo suporta a mola bilateral, assimétrica e de corda interior ao arco. O fusilhão, que procede da mola, está fragmentado.
- Est. Ule Fusilhão terminado numa cabeça achatada e perfurada.
- Est. 11 If Fusilhão de cabeça idêntica à anterior.

FÍBULA ANULAR HISPÂNICA. TIPOS CUADRADO 4A E 4G (FINS DO SÉC. VI A.C. — SÉC. II A.C.)

a) *Origem da fíbula anular hispânica*

A fíbula anular hispânica tem sido objecto de estudo por vários investigadores.

Um dos primeiros teorizadores, o Marquês de Cerralbo, opinava que a fíbula anular hispânica procedia das fíbulas hallst-

táticas de tambor, posição perfilhada por vários investigadores. Posteriormente, Almagro, com base em dados arqueológicos, reabriu o problema, que então se julgava solucionado. Formulou duas opiniões a partir de testemunhos obtidos na necrópole de Ampúrias. Com base nestes dados arqueológicos defendeu que a fibula anular procedente do SE espanhol, difundida pelo comércio fóccense na Península, penetrou posteriormente no vale do Ebro, Mesetas e Ocidente Peninsular. Assim, a fibula anular achada no túmulo n.º 9 de incineração da necrópole de Marti, associada a um lekythos ático (500-480 a.C.) prova «el uso muy frecuente entre los griegos de Ampurias de este tipo de fibulas antes de la generalización de las fibulas de La Téne, y del tipo de la Certosa» (37). Outra fibula encontrada pelo mesmo autor no túmulo n.º 5 de incineração da necrópole Marti levou-o a defender a procedencia grega deste tipo. Cuadrado (38), ao analisar as duas possíveis vias de introdução deste tipo de fibula, mediterrânica e céltica, considerou aquela insustentável porque, nem na Grécia continental e insular, nem na Ásia Menor, nem na Magna Grécia, se acharam, até ao momento, paralelos da fibula anular hispânica.

Por seu turno, com a introdução dos tecidos de linho em substituição de lã, a fibula na Grécia desaparece. Perfilhando a posição de Almagro sobre o aparecimento da fibula de botão em Ampúrias nos começos do séc. v a.C., Cuadrado entende que a via mediterrânica nunca poderá ser aceite, porque há mais de um século que a fibula na Grécia havia caído em desuso.

Ao analisar a via céltica, o problema da origem da fibula anular hispânica assume outra acuidade. As fibulas da necrópole de Jogasses estudadas por B. M. Favret(39) ajudam a esclarecer este problema. Em Jogasses existem duas necrópoles, uma da época hallstática e a outra marneana, não havendo entre elas, segundo Favret, continuidade. A posição deste autor coincide com a de Sangmeister. Este afirma que, embora na Champagne predomine a cultura hallstática, a N. e NE desta área, na sua fase D (Reinecke), desenvolve-se a cultura de La Tène A, à qual

(87) Almagro, 1954.

H Cuadrado, 1957, p. 18-25.

(") Favret, 1936, p. 24.

pertencia a necrópole marneana que substituiu assim a hallstática. Cuadrado ⁽⁴⁰⁾, partindo de dados fornecidos por Favret, Sangmeister e Kimmig, observa que a fíbula de timbale, *Paukenfibel*, e a de pé com botão, *Fusszierfibel*, deviam ter chegado à Península no séc. vi com as invasões celtas. Esta suposição coincide com a cronologia 550-500 a.C. atribuída aos exemplares de Ampúrias, achados nos túmulos de incineração n.ºs 5 e 9, Muralha NE, por Almagro. Assim, para Cuadrado, a fíbula anular hispânica procede das de Halstatt D, cuja evolução se observou nos finais do séc. vi a.C. e princípios do V a.C. Recentemente, Almagro considerou o Mediterrâneo Oriental como pátria da fíbula hispânica. Esta sua nova posição assenta numa série de simples fivelas anulares procedentes da necrópole de Lachish (Tell ed Duveir), Palestina, Gézer, Gheyta, Athlit⁽⁴¹⁾, datadas do séc. viii a.C. Teriam penetrado na Península por volta do séc. vn ou vi a.C. Posteriormente fundiram-se com fíbulas de tipo «Golfo de Leão» e «Acebuchal». Como consolidação desta teoria, Almagro chama a atenção para o facto da área Chipre-Síria e Palestina ser a pátria das fíbulas de cotovelo tipo «Huelva», das de duas peças tipo «Agullana — Sanchorreja» e das de dupla mola tipo «Tossal Redó».

b) Tipos representados em Conimbriga

Cuadrado ⁽⁴²⁾ estabeleceu para a fíbula anular hispânica uma tábua tipológica na qual figuram catorze grupos. Cada um deles compreende vários tipos e estes, por sua vez, subtipos ou variantes.

Os factores que determinam esta classificação são a mola, o elemento estrutural de maior importância, a forma do arco, dimensões, adornos e elementos funcionais.

Os três exemplares de Conimbriga pertencem ao tipo em naveta (tipos 4a e g) do quadro tipológico de Cuadrado. Este

⁽⁴⁰⁾ Cuadrado, 1957, p. 23.

⁽⁴¹⁾ Almagro, 1966, p. 229, fig. 19, n.ºs 1-3 e p. 232. Os dois primeiros exemplares são idênticos ao objecto achado em Ampúrias, no túmulo 9, da necrópole de Marti com um lekytos grego datado de 500 a. C.

⁽⁴²⁾ Cuadrado, 1957.

tipo apresenta como característica comum o arco em forma de naveta invertida, sendo umas vezes oca, outras maciça. Compreende ainda dez variantes, que agrupam, por sua vez, as características comuns do tipo e os pormenores de carácter específico que as diferenciam.

O tipo 4a particulariza-se pela inflexão acentuada do arco, que ocupa cerca de dois terços do diâmetro, e pelo pé triangular alongado que se prende ao arco por meio de fio metálico que se enrola em ambos os lados do pé. A extremidade superior do arco enrola-se igualmente à volta do aro e forma uma mola bilateral de corda interior ao arco.

O tipo 4g projecta um arco helipsoidal e nervurado longitudinalmente. A extremidade superior do arco forma um rectângulo ou carteira com decoração incisa. O aro, na maioria dos casos, é volumoso, diminuindo o seu diâmetro, por vezes, junto da cabeça. O arco e o aro formam uma só peça.

Ambas as variantes procedem de fibulas hallstáticas da Alemanha e da Europa Central. Contudo, a primeira variante sofre influência da fibula de La Certosa, como nos prova o exemplar de Aguilar de Anguita, publicado por Sandars (43). É considerada uma das formas mais antigas do grupo. A sua datação é confirmada pelo material cerâmico ático que apareceu associado a fibulas de tipo 4a, nas necrópoles de Cruz del Negro, do Castro de Lara (Burgos), de Castellones del Ceai e de Bonjoan, situadas entre os fins do séc. vi ou princípios do V e 450 a.C. (44).

Tal como o anterior, o tipo 4g é datado por um punhal e um broche de cinturão, exumados do túmulo n.º 60 de Miraveche e datáveis entre os meados do III e os meados do II a.C. (46).

O tipo em naveta acha-se abundantemente nas Mesetas. A sua frequência na Península é facto corrente.

11. Arco com vestígios do aro.

O arco em forma de naveta invertida é peraltado e decorado longitudinalmente por duas nervuras fundas.

(48) Cuadrado, 1963, p. 52-54.

H Cuadrado, 1963, p. 51-52.

(46) Cuadrado, 1957, p. 64, fig. 42.

12. Arco, com parte da cabeça e do pé.
O arco laminar desenha uma naveta invertida. A extremidade inferior curva-se em forma de gancho para formar a cabeça.
O pé está fragmentado.
13. Arco e pé completos.
O arco é idêntico ao anterior.
O pé é alongado e ao alargar-se lateralmente forma o descanso.

FIBULA DE LA TÈNE III (SÉC. I A.C.-I D.C.)

Há diversas categorias de fíbulas da época de La Tène III que sobrevivem na época romana, tornando-se, por esta razão, difícil datá-las com precisão.

Algumas caracterizam-se por apresentar um arco alongado e filiforme, uma mola bilateral de corda interior ou exterior ao arco e um descanso de feição triangular, que é quase sempre univazado. Está neste caso a fíbula 18. Esta peça é muito similar a fíbulas de Camulodunum ⁽⁴⁶⁾, Aislingen e Burghofe ⁽⁴⁷⁾ que datam do séc. i d. C.

Poderemos deste modo atribuir à fíbula 18 a mesma data.

Outras, como as fíbulas 22 e 23, integram-se num tipo que comporta estruturalmente quatro zonas: arco-pé, eixo, mola e fusilhão.

O arco e o pé são feitos de uma só peça. Aquele é grosso e dividido no ombro por uma ou mais molduras. O ombro alteado e ligeiramente alargado culmina numa argola, pela qual passa o eixo. O pé é sempre rematado por um botão cónico; lateralmente alarga-se e forma o descanso triangular que, na maioria dos casos, é univazado.

O eixo, de ferro ou de bronze, que passa pela argola do extremo superior do arco, é envolvido de ambos os lados por um arame formando a mola. Esta é bilateral, simétrica e de corda interior ou exterior ao arco.

⁽⁴⁶⁾ Krámer, 1957, p. 76, Est. 13, 4.
H Ulbert, 1959, p. 93, Est. 14, 7-8.

Finalmente, a cabeça do fusilhão, perfurada pelo eixo, aloja-se junto ao arco.

18. Fíbula que conserva o arco e o pé.
O arco, alteado no ombro, alonga-se e forma o pé.

22. Fragmento que conserva o eixo, a mola e parte do arco.
O eixo é circular. À sua volta processa-se o enrolamento do arame que forma a mola. Esta é bilateral, simétrica e de corda interior ao arco.
O arco alongado está dividido em três partes por duas molduras.

23. Fragmento que conserva o pé e o descanso.
O pé culmina num botão cónico.
O descanso consiste numa placa triangular e uni vazada.

FÍBULA DE NAUHEIM (2.® METADE DO SÉC. I A.C.
— 1.® METADE DO SÉC. III D.C.)

A denominação deste grupo anda vinculada à necrópole de Bad Nauheim, perto de Francoforte, na Alemanha. O tipo foi objecto de estudo por O. Tischler, M. Beltz, Déchelette e, em 1955, por J. Werner. Corresponde a Camulodunum 7, Böhme 14, Almgren 15-16, Lerat 18-39, Ritterling 4.

J. Werner ⁽⁴⁸⁾ elaborou uma lista de todos os achados exumados em *oppida*, sepulturas, cavernas e locais isolados e assinalou num mapa a sua distribuição geográfica. Observou igualmente que no Reno Médio este tipo aparece com grande abundância em sepulturas, mas fora dessa região o seu predomínio é registado em povoados da última fase de La Tène, isto é, na segunda metade do séc. I a.C. Finalmente, concluiu que a área de difusão da fíbula de Nauheim vai, a ocidente, desde a Normandia ao centro da França, e, a oriente, desde a Hungria ocidental à Morávia, tendo como limites, a norte, a cordilheira central alemã, e a sul a vertente meridional dos Alpes.

(48) Citado por Nunes, 1959, p. 9, fig. 2.

Os limites geográficos fixados por J. Werner, quer para ocidente, quer para oriente, ampliam-se, porém, com a descoberta de novos achados.

A fíbula de Stradonitz, na Boémia, é considerada por Tischler, Déchelette e Werner o modelo mais exemplificativo da fíbula de Nauheim⁽⁴⁹⁾. A partir deste modelo surgiram novas formas.

Hawkes e Hull⁽⁵⁰⁾, ao estudarem a fíbula de Nauheim, consideraram cinco tipos (A, B, C, D e E), a partir dos quais identificaremos os exemplares de Conimbriga.

O tipo A, atribuível ao século i a.C., representado pelos modelos de Stradonitz e Mont Beuvray, caracteriza-se por um arco triangular alongado e laminar. Tanto pode ser liso como apresentar uma decoração cinzelada ou recortada; a mola bilateral e de corda interior ao arco é constituída por quatro voltas; finalmente, o pé é univazado, indo de acutângulo a rectângulo.

A fíbula 14, apesar de fragmentada e de acusar um perfil bastante simples, pertence a este tipo. Registamos ainda um exemplar semelhante ao de Conimbriga no castro de Lomba de Canho em Arganil⁽⁵¹⁾.

O tipo B, vulgar na Inglaterra, consiste num arco alongado e com o ombro levemente curvo; o pé é de peça inteiriça. É frequente na Inglaterra na segunda metade do séc. i d.C. Os exemplares de Camulodunum⁽⁵²⁾ e de Hod Hill⁽⁵³⁾ datam de Cláudio a Nero; os de Fishbourne⁽⁵⁴⁾ e de Lugdunum Convenarum (Gália) chegam aos Flávios⁽⁵⁵⁾.

O tipo C caracteriza-se por um alteamento do ombro, logo seguido pelo arco e pé direito. Os achados de Camulodunum datam apenas de Cláudio a Nero, embora em Neuss o tipo seja comum no período flaviano⁽⁵⁶⁾.

⁽⁴⁹⁾ Nunes, 1959, p. 6, fig. 1.

⁽⁵⁰⁾ Hawkes e Hull, 1947, p. 312-313.

^(#1) Nunes, 1959, p. 20, fig. 10.

⁽⁵⁴⁾ Hawkes e Hull, 1947, p. 327, fig. 59, 11 e p. 312. Est. 92, 56-58.

^(63j) Brailsford, 1962, p. 7, fig. 7, C 16-C26.

^(M) Cunliffe, 1971, p. 100, fig. 36, n.ºs 7-8 e fig. 37, n.ºs 14-21.

⁽⁶⁶⁾ Gavelle, 1962, p. 206, Est. 48, fig. 6 n.ºs 1-5.

^(8#) Hawkes e Hull, 1947, p. 312, Est. 92, 55.

O tipo D (*Soldatenfibel* or *Legionsfibel*) ⁽⁸⁷⁾ apresenta um alteamento bastante pronunciado do ombro; o arco e o pé de secção arredondada formam um perfil anguloso. Este tipo corresponde aos n.ºs 15 de Almgren ⁽⁵⁸⁾, 34 de Lerat ⁽⁵⁹⁾ e 168 do tipo IVb de Ritterling ⁽⁶⁰⁾. Segundo este autor, no Reno Médio a sua presença fez-se sentir no período claudiano. Todavia, os exemplares de Saalburg e Zugmantel⁽⁶¹⁾, bem como o de Fishbourne⁽⁶²⁾, chegam ao séc. π d.C. Van Büchern ⁽⁶³⁾, por seu turno, prolonga a sua duração até à primeira metade do III d.C.

O tipo E, semelhante ao anterior, singulariza-se apenas pelo pé mais alongado e terminado em botão. As fibulas de Straubing-Sorviodurum ⁽⁶⁴⁾ e Cambodunum ⁽⁶⁵⁾ datam-no do período claudiano ao flaviano.

O exemplar 16 pertence a este tipo.

A par dos tipos mencionados conhecem-se diversas variantes. São assim as fibulas n.ºs 15, 17, 19, 20 e 21.

Nas variantes, o arco tende a fechar-se e a formar com o pé um ângulo recto; o pé termina sempre em botão; o processo de enrolamento da mola bilateral é muito variável, se bem que a mola seja constituída por 4 voltas e de corda interior ou exterior ao arco.

Estão nestas condições as fibulas 15, 17 e 20.

A peça n.º 20 segue os tipos IVc de Ritterling ⁽⁶⁶⁾ e n.º 16 de Almgren ⁽⁶⁷⁾. Aquele autor coloca-o no Reno Médio até Cláudio e em Vindonissa a sua presença não ultrapassa a primeira metade do séc. i d.C. Almgren, por seu turno, considera que esta fibula, na região belga, é tipicamente flaviana.

⁽⁸⁷⁾ Frischbier e Böhme consideram esta forma típica das legiões romanas.

⁽⁵⁸⁾ Almgren, 1923, Est. 1, 15.

⁽⁵⁹⁾ Lerat, 1956, p. 5, Est. 1, 34.

⁽⁶⁰⁾ Ritterling, 1913, Est. 9, 169-189.

⁽⁶¹⁾ Böhme, 1973, p. 13-14, Est. 3, 49-149.

⁽⁶²⁾ Hull, 1971, p. 100, fig. 36, n.º 12.

⁽⁶³⁾ Citado por Faider-Feytmans, 1965, p. 10.

⁽⁶⁴⁾ Walke, 1965, p. 50, Est. 93, n.º 2.

⁽⁶⁵⁾ Kramer, 1957, p. 76, Est. 13, 4.

⁽⁶⁶⁾ Ritterling, 1913, Est. 9, n.º 190.

⁽⁶⁷⁾ Almgren, 1923, Est. 1, n.º 16.

Por outro lado, o espólio da necrópole galo-romana de Thuin mostra que este tipo foi utilizado nos sécs. I d.C. e I.^a metade do II d.C. (68).

14. O arco é de forma triangular e laminar.
A mola é bilateral, de corda interior ao arco e constituída por 4 voltas.
15. O arco laminar e losangonal dobra-se a meio.
Da mola apenas existem duas espiras e parte da corda interior ao arco.
O pé está fragmentado.
16. O arco é abatido e de secção circular. A mola é bilateral, de corda interior ao arco e constituída por quatro voltas.
O pé termina num travessão perpendicular e dilata-se lateralmente para formar um descanso quadrangular.
17. O arco é filiforme e de secção semicircular.
A mola é bilateral, simétrica e de corda interior ao arco. Forma-se à volta de um eixo de secção rectangular.
19. O arco é de forma e secção trapezoidais e decorado longitudinalmente por urna moldura relevada.
20. O arco é semicircular e decorado com três molduras longitudinais relevadas.
Da mola apenas existem duas espiras.
O pé é estreito e ao dilatar-se lateralmente forma o descanso.
21. O arco é laminar e de secção semicircular.
O pé é estreito e ao dilatar-se lateralmente forma o descanso.

FÍBULA EM CAUDA DE PAVÃO. TIPO CAMULODUNUM 10 (SÉC. I D.C.)

Três pormenores concorrem para caracterizar este tipo: a forma do pé que especifica o tipo, a placa circular ou romboidal que protege a mola e o disco que se intercala entre o arco e o pé. Os dois primeiros elementos, próprios da fíbula de Langton-Down (tipo Camulodunum XII), e o último, que se encontra numa forma típica de La Tène III (tipo Camulodunum VIII), ao unirem-se, formaram o tipo em «Cauda de Pavão», segundo Hawkes e Hull (69).

(68) Faider-Feytmans, 1965, t. 2, figs. i-m; t. 3, a; t. 15, b-d; t. 23, C; t. 27, e, t. 43, a; t. 47 B, d-e; t. 55 A, f;

(##) Hawkes-Hull, 1947, p. 314-316.

Hawkes e Hull, ao estudarem o tipo em cauda de pavão, consideram três classes: A, B e C.

A classe A caracteriza-se pela cobertura tubular da mola, pelo disco convexo ou plano, situado entre o arco e o pé, e pela sua decoração sóbria.

A classe B distingue-se pelo tamanho reduzido do arco, pela forma circular ou romboidal do disco, pelo rolo transversal fixado entre o arco e o disco e pela riqueza ornamental da fíbula.

A classe C caracteriza-se pelo perfil triangular da fíbula, pela fusão superior do disco com a cabeça e pela sua sobriedade ornamental.

Cronologicamente, a classe A abrange o período Augusto-Tibério; a B, o de Cláudio; e a C, frequente no dos Júlio-Cláudios, prolonga-se para além deste período.

O fragmento que possuímos levantou-nos de início duas alternativas: ou estávamos perante uma fíbula de Aucissa ou em cauda de pavão. Optámos pela segunda.

A placa rectangular, que supõe o funcionamento da cabeça em charneira, e, por outro lado, a factura do arco semicircular, poderiam levar-nos a classificá-la como uma fíbula de Aucissa, classe B. Mas, por outro lado, o interior do arco apresenta indícios de ter existido um rolo transversal que assentava, por sua vez, num disco, pois se vê na parte interna da placa uma linha circular gasta. Por último, o arco semicircular é demasiado fechado para pertencer ao tipo Aucissa. A factura do arco integra-se sem dúvida no tipo em cauda de pavão. Deste modo, o nosso fragmento integra-se na classe B de Hawkes e Hull.

Anotamos exemplares semelhantes na Alemanha ⁽⁷⁰⁾, na Inglaterra ⁽⁷¹⁾ e na França ⁽⁷²⁾.

⁽⁷⁰⁾ Hatt, 1960, p. 220, fig. 17. Este autor coloca-a no período Tibério-Nero; Ulbert, 1959, p. 66-67, Est. 16, n.º 7. Este tipo abrange, segundo o autor, o período Augusto-Cláudio; as fíbulas de Kempten abrangem o de Tibério-Cláudio; Hawkes-Hull, 1947, p. 315-316.

⁽⁷¹⁾ Hawkes-Hull, 1947, p. 315-316, Est. 96, n.ºs 70-75.

⁽⁷²⁾ Kramer, 1960, p. 63-76, Est. 13, n.ºs 17-18. Estas fíbulas abarcam o período Augusto-Vespasiano; Lerat, 1956, p. 11-12, Est. 3, n.ºs 76-78. Este autor regista 27 exemplares do cemitério de Fully-Mazembroz (Vaiais) datáveis da época Julio-Claudiana; 1957, p. 13-14, Est. 3, n.ºs 31-33; Pirón, 1970,

A área de distribuição do tipo é bastante extensa, aparecendo com abundancia nas partes central e ocidental da Europa (73).

30. O arco é bastante espesso e pequeno. É dividido longitudinalmente por urna larga moldura relevada. As duas arestas que a ladeiam são cortadas em bisel.

A placa é rectangular e transversalmente decorada por três sulcos.

FÍBULA EM P

As fíbulas 28, 29, 31 e 32 desenharam de perfil um P. Compõem-se, estruturalmente, de três peças: arco-pé, eixo e mola. As formas semicircular do arco e rectangular ou trapezoidal do pé, os bolbos terminais do eixo e da extremidade superior do arco, concorrem para aproximar as nossas peças de alguns modelos de Saalburg e Zugmantel que correspondem ao tipo 39a e 39b de Bohrne (*Bügelknopffibeln*) (74), que este autor data dos séculos iv e v d.C. No entanto, as nossas peças afastam-se das de Saalburg e Zugmantel, não só pela simplicidade ornamental dos modelos, mas também por apresentarem um pé bastante longo. Por outro lado, a mola e o descanso são inexistentes. Relativamente ao último, não há vestígios de soldadura que leve a conjecturar a existência de um descanso. Temos de admitir a aplicação móvel de um laço a envolver o pé.

Não achamos paralelo para estas fíbulas, sendo, deste modo, difícil dar-lhes uma cronologia.

28. O arco é semicircular. A sua extremidade superior é coroada por um bolbo.

A junção arco-pé é ocupada por urna cartela rectangular e chanfrada.

O pé de ponta arredondada é espatulado e biselado.

p. 114, Est. 3, n.º 011; Allain, Gothenet, Josien, Varethy, 1966, p. 8, fig. 2 d; Piganiol, 1965, p. 312, fig. 19, Armand-Calliat, 1944, fig. 3d; Terisse, 1960, p. 166, Est. 18, fig. 1 n.ºs 10-12; Daremberg e Saglio, 1896, p. 1109, fig. 3012.

(73) Hawkes e Hull, 1947, p. 314-316; Lerat, 1956, p. 11-13; Est. 3-4; 1957, p. 314-316; Boüard, 1966, p. 269, fig. 18.

(74) Bohrne, 1972, p. 35-36, Est. 23, 921-924.

29. Fragmento que conserva o arco e o pé.
O arco é semicircular. A cabeça do arco é achatada e perfurada
O pé é longo, espatulado e de bordos biselados.
31. Fragmento que conserva o arco e o pé.
O arco é semicircular e de secção poligonal.
O pé é espatulado e de forma trapezoidal.
32. O arco é peraltado de secção semicircular.
Os seus extremos são decorados com molduras transversais.
O pé, de ponta arredondada, é espatulado e de bordos biselados. É decorado com XX limitados por dois sulcos.

FÍBULA DE CHARNEIRA E DE ARCO TRIANGULAR.
TIPO LERAT II A, 162/163 E THILL 108/111 (SÉC. I A.C.).

Esta fíbula, que se integra no grupo das de charneira pela forma de articulação do fusilhão, tem o arco espalmado, excessivamente largo e de forma triangular.

A origem deste tipo mantém-se ainda obscura. Alguns autores, porém, atribuem-lhe origem italiana. É o caso de O. Montelius ⁽⁷⁵⁾ e O. Tischler ⁽⁷⁶⁾. Ambos o situam na Itália, no período de La Tène II. O último caracteriza-o como urna fíbula de charneira, com arco longo, laminar, de forma triangular e com um pé curto terminado em botão. O mesmo autor chama ainda a atenção para a larga difusão deste tipo ñas Gálias, na época de César. Ai perdura e coexiste com algumas formas criadas nos primórdios do império romano ⁽⁷⁷⁾.

A fíbula 33 ilustra o tipo caracterizado por O. Tischler. Observamos este tipo em Vindonissa ⁽⁷⁸⁾, Itália Setentrional ⁽⁷⁹⁾,

⁽⁷⁵⁾ Montelius, 1895.

^(7e) Citado por Nunes, 1959, p. 14-15.

⁽⁷⁷⁾ Citado por Nunes, 1959, p. 14-15, fig. 4.

⁽⁷⁸⁾ Nunes, 1959, p. 15, fig. 4.

^(7#) Montelius, 1895, Est. 13, n.º 18d.

Besançon ⁽⁸⁰⁾, Alésia⁽⁸¹⁾, Pommiers (Aisne) ⁽⁸²⁾, Pedrulha ⁽⁸³⁾, Briteiros ⁽⁸³⁾.

O período de duração desta fíbula deve compreender todo o séc. i a.C., podendo coexistir, muito provavelmente, com a classe A de Aucissa.

33. Fíbula a que só falta o fusilhão.

O arco laminar tem a forma triangular e é decorado com 6 molduras.

O pé é longo e termina num botão; o descanso tem a forma rectangular.

O eixo termina em botões.

FÍBULA DE AUCISSA. TIPO CAMULODUNUM 17, ALMGREN 242, BOHME 8, COLLINGWOOD C, RITTERLING 5A (MEADOS DO SÉC. I A.C.-I D.C.)

Esta fíbula é comumente designada por Aucissa. Foi este o mais activo dos fabricantes deste tipo, ou, pelo menos, aquele que mais frequentemente marcou as suas peças ^(M).

J. Boube⁽⁸⁵⁾ supõe que a oficina de Aucissa se localizava no Norte da Itália. Daqui, por intermédio das tropas auxiliares, a fíbula da Aucissa teria aportado à Mauritânia Tingitânia, no último quartel do séc. i a.C. Uma série de 30 peças conservadas em museus de Zadar, Split, Zagreb e Rabat sugere a existência, nesta província, de uma oficina cujo proprietário seria provavelmente *Durnacus* ⁽⁸⁶⁾.

⁽⁸⁰⁾ Lerat, 1956, Est. 9, n.ºs 162-163.

⁽⁸¹⁾ Nunes, 1959, p. 15, fig. 4.

⁽⁸²⁾ Déchelette, 1927 (1), p. 473, fig. 403, n.º 7. Coloca-os no séc. I a. C.

⁽⁸³⁾ Santos Junior, 1963, figs. 75-78.

⁽⁸⁴⁾ Montelius, 1895, Est. 13, n.º 184; Ulbert, 1959, Est. 50, n.º 10; Hull, 1968, Est. 30, n.º 42; Wheeler, 1930, fig. 25.

⁽⁸⁶⁾ Boube, 1966, p. 517-521.

^(8e) Boube, p. 519-520, fig. 1 e 2 (Museu de Rabat). Este autor cita I. Marovic, 1961, G. R.-G. Z., o qual ao efectuar escavações em túmulos de Nin e Cetina, na Dalmácia Central, recolheu várias fíbulas de Aucissa, algumas das quais com a marca *Durnacus*. Acompanhavam-nos objectos de datação precisa; num dos túmulos, uma moeda do reinado de Nerva e uma lucerna com a marca ATIMETI; outro continha duas moedas (de Galba e Vespasiano?) e lucernas do séc. I d. C., uma das quais com a marca COMVNIS.

O museu Santos Rocha da Figueira da Foz possui uma fíbula exactamente idêntica, com a mesma marca, proveniente de Fonte Velha, Bensafrim.

No continente europeu surgem novos fabricantes com nomes romanos, como *Carinus*, *Iulius*, *Marullus*, *Ursinus* ⁽⁸⁷⁾, *Cartilius*, *Cartilla*, *Dagomattus*, *FaZcr*, *Durotix* ⁽⁸⁸⁾.

Diversos estudiosos se ocuparam do problema da origem deste tipo. O. Montelius ⁽⁸⁹⁾ apresenta como protótipo da fíbula de Aucissa um tipo de charneira com arco laminar e triangular da Itália Septentrional, correspondente à segunda Idade do Ferro, dentro do período etrusco.

O. Tischler⁽⁹⁰⁾ vê na charneira da fíbula de arco triangular a provável inspiradora da fíbula de Aucissa. Almgren, por sua vez, admite como antepassado desta fíbula um tipo itálico que se encontra em Chiusi e Alésia⁽⁹¹⁾.

Por outro lado, Hawkes e Hull⁽⁹²⁾ observam que, na Gália Bélgica, há exemplares que sugerem uma procedência gaulesa, se bem que sofram um desenvolvimento posterior germânico. Estes exemplares são formas de La Tène III que se caracterizam pelo arco semicircular, separado do pé por uma fina moldura ou anel, e pelo pé terminado em botão. Correspondem ao tipo XV de Camulodunum e ao grupo T de Collingwood.

Torna-se difícil optar pela procedência italiana ou gaulesa, dado existirem nas duas áreas, na época de La Tène III, exemplares que poderiam ser muito bem os protótipos mais próximos da fíbula de Aucissa. O tipo de Aucissa singulariza-se pelo arco semicircular, pelo pé e descanso curtos, terminando aquele num botão, pelo fusilhão erecto e pela articulação de cabeça em charneira. Todavia, este tipo, durante a sua existência, sofre algumas modificações formais no arco, na placa ou espelho e no pé, que determinam três classes: A, B e C.

⁽⁸⁷⁾ Ulbert, 1959, p. 68.

⁽⁸⁸⁾ Montelius, 1895, p. 242-243, fig. 1.

⁽⁸⁹⁾ Montelius, 1895.

⁽⁹⁰⁾ Citado por Nunes, 1959, p. 14; Lerat, 1956, p. 23.

⁽⁹¹⁾ Almgren, 1923.

^(9a) Hawkes e Hull, 1947, p. 320.

Na primeira, o arco é triangular e laminar. A placa possui pequenas dimensões e raramente é sublinhada lateralmente por chanfros (n.º 35). Os botões que delimitam o eixo e o pé são achatados. O pé acusa uma inclinação obtusa em relação ao arco. A decoração do arco é sobria. Os arcos das fíbulas 34 e 35 são sublinhados longitudinalmente por um pontilhado e linhas de pérolas.

Encontramos fíbulas desta classe na Inglaterra ⁽⁹³⁾, na Italia ⁽⁹⁴⁾- Os exemplares do Mont Beuvray datam-na dos meados do séc. i a.C., ao passo que os de Haltern (12 a.C.-9d.C.), Hofheim e Wroxeter a fixam por todo o séc. i d.C. Raramente, porém, atinge o período flaviano ⁽⁹⁵⁾. Parece mais corrente no período de Augusto-Tibério a Cláudio.

Na segunda classe, o arco é dividido longitudinalmente por uma moldura relevada, ocupando dois terços do arco. O restante espaço, por vezes, é preenchido por urna cartela. A placa torna-se mais larga. O pé perde a inclinação anterior, tornando-se recto. É dividido por urna moldura relevada. Os botões do eixo e do pé são cónicos, troncocónicos ou pedunculares.

Por outro lado, esta classe é valorizada pela decoração da placa, do arco e da cartela, formando um conjunto bastante harmónico. Poderão ser ornamentados por um tracejado contínuo (n.º 38), por várias estrias paralelas, por linhas sinuosas enquadradas por duas fitas perladas, ou por urna simples moldura central delimitada por finos sulcos (n.os 36, 37 e 39). Esta última é sublinhada por chanfros laterais e por aberturas oculares feitas a punção.

A larga difusão desta classe é confirmada pelos numerosos achados da Alemanha ⁽⁹⁶⁾, da Inglaterra ⁽⁹⁷⁾, da França ⁽⁹⁸⁾.

⁽⁹³⁾ Hawkes e Hull, 1947, p. 323.

⁽⁹⁴⁾ Montelius, 1895, Est. 13, n.º 182.

⁽⁹⁶⁾ Hawkes e Hull, 1947, p. 320.

⁽⁹⁷⁾ Ulbert, 1959, Est. 15, n.os 7-8; Est. 50, n.os 9-10; Est. 59, n.os 11a4; Ulbert, 1969, Est. 22-23, n.os 1-10; Hatt, 1966 fig. 28. Este exemplar é datado da época Tibério-Cláudio; Kramer, 1957, Est. 15, n.os 1a 5; Simon, 1968, p. 29, fig. 9 n.º 1.

⁽⁹⁸⁾ Hawkes e Hull, 1947, p. 323-324; Brailsford, 1962, fig. 8 n.º 8 G46 — C52; Bushe-Fox, 1932, Est. 8, n.º 1 (50 D. C.); Hull 1968, área 19, Est. 30, 42 (85 D. C.).

⁽⁹⁸⁾ Lerat, 1956, Est. 7, n.º* 140-150.

A maior parte dos achados cabe no período de Tibério a Ñero. Todavia, há testemunhos que sobrevivem até aos Flávios. Provam-no os achados de Richborough (") e de Saalburg (10°). Por seu turno, conhecemos dois exemplares que foram achados no túmulo 15 em Andernach, associados a uma moeda de Augusto (101).

Na terceira classe, o arco em fita é de secção semicircular. Na maioria das vezes é decorado longitudinalmente por sulcos e molduras (n.ºs 46 e 48), por tracejados contínuos (n.ºs 43, 45, 47 e 49). A placa, nos modelos mais ricos, torna-se excessivamente larga em relação à altura, como nas fibulas 44-45. Nas restantes, a placa é mais pequena e menos decorada.

A maioria dos exemplares achados na Alemanha (102), Inglaterra¹⁰³, França (104), data de meados do séc. i d.C. Os de Colchester são do período de Cláudio a Nero, ao passo que os de Saalburg, Zugmantel e de Fishbourne abrangem o período flaviano.

34. O arco tem forma triangular e é de secção semicircular.
É debruado por um pontilhado quase imperceptível.
A placa é quadrangular e enrola-se à volta do eixo.
O pé é largo e ao alargar-se lateralmente forma o descanso.
35. O arco é decorado por linhas de pérolas.
A placa é rectangular e de chanfros laterais.
O eixo é rematado por botões.
O pé conserva apenas parte do descanso.
36. O arco de secção semicircular é decorado por duas largas molduras.
A placa é quadrangular e de chanfros laterais.
37. A decoração do arco é idêntica à do exemplar anterior.
A placa é quadrangular.
O eixo termina por botões circulares.
O pé é largo e estreito.
O exemplar conserva ainda parte do descanso e do fusilhão. (**)

(**) Hull, 1968, p. 84, Est. 30, 42.

(10°) Simon, 1968, p. 7, fig. 9, 1.

(101) Hawkes e Hull, 1947, p. 322.

(104j) Ulbert, 1959, Est. 15, n.º 9; 1969, Est. 24, n.ºs 1-2, 6, 9, 12.

(10i) Brailsford, 1962, fig. 8, n.ºs C44 — C45; Hawkes e Hull, 1947, Est. 96, n.ºs 125-126.

(1M) Lerat, 1956, Est. 7, n.ºs 130-135; 1957, Est. 4, n.º 63.

38. O arco é parabólico e de secção quase semicircular. É decorado por uma linha de pérolas contínua e relevada. A placa é quadrangular e alta.
O pé é largo e termina num botão pedunculado.
O descanso é alto, longo e de forma triangular.
39. Peça quase completa. O arco é semicircular e decorado ao centro por uma larga moldura relevada.
O eixo é envolvido por uma placa rectangular alta e com olhos estampados.
A cartela é decorada por dois sulcos.
O pé termina num botão pedunculado.
O descanso é alto e triangular.
40. Peça quase completa.
O arco é decorado por um motivo cordiforme relevado.
O eixo termina em botões.
A placa é quadrangular.
O pé delgado e longo possui um descanso incompleto.
41. Fragmento que conserva o arco e o pé.
O arco é decorado ao centro por uma larga fita relevada, composta por uma linha contínua de pérolas.
A placa é quadrangular com chanfros laterais e tripartida por duas finas molduras. As faixas extremas são decoradas por uma linha de pérolas.
A cartela é quadrangular e dividida em três faixas por duas finas molduras.
42. O arco é semicircular e de secção hexagonal. É dividido por uma moldura larga e relevada.
O mesmo motivo se repete na placa quadrangular.
A cartela é rectangular e decorada por dois sulcos.
O pé termina num botão pedunculado.
O descanso é triangular e alto.
43. O arco é de secção semicircular. É decorado longitudinalmente por duas faixas com motivos cordiformes.
A placa é rectangular e possui a mesma ornamentação do arco.
A cartela incompleta é quadrangular.
O eixo é rematado por botões circulares.
44. O arco é parabólico e de secção semicircular. É decorado por uma larga faixa constituída por uma linha de pérolas contínuas.
A placa é larga e rectangular. É sublinhada pela mesma decoração do arco.
O eixo suporta parte do fusilhão e possui um botão terminal bicónico.

- A cartela é quadrada e decorada por três largos sulcos.
O pé termina num rebite.
O descanso é alto e triangular.
45. Peça quase completa, a que falta todavia o fusilhão.
O arco é semicircular e decorado com o motivo da peça anterior.
A placa é larga e rectangular. É decorada por um tracejado vertical e continuo.
O eixo possui botões bicónicos.
A cartela é quadrangular e decorada por traços oblíquos.
O pé termina num botão bicónico.
46. O arco é decorado longitudinalmente por dois sulcos.
A placa é rectangular e decorada por um tracejado vertical, continuo.
A cartela é quadrangular e dividida por três finas molduras.
O pé termina num botão cónico fendido.
O descanso está fragmentado.
47. O arco é parabólico e em forma de ferradura. É decorado longitudinalmente por urna moldura.
A cartela é rectangular.
A placa é larga e rectangular. É decorada por uma linha de pérolas.
O pé termina num botão cónico e facetado.
O descanso está fragmentado.
48. Peça quase completa.
O arco tem o ombro alteado e é de secção semicircular.
É dividido longitudinalmente por urna larga faixa composta por duas molduras.
A placa é quadrangular e alta. É decorada por urna moldura cordiforme.
O eixo termina em botões.
A cartela é quadrangular e decorada por três faixas, finas e cordiformes.
O pé termina num botão cónico assente num anel.
O descanso é longo e está fragmentado.
49. O arco é de secção rectangular. É dividido por uma faixa longitudinal composta por duas fiadas de pérolas paralelas e delimitadas por três sulcos profundos.
A placa é quadrangular e sublinhada por três finas molduras recortadas verticalmente.
A cartela é rectangular e dividida por três sulcos.⁵⁰
50. O arco é fitiforme e de secção semicircular.
A placa é rectangular e decorada com três sulcos.
O pé termina num botão circular.

FÍBULA ANULAR ROMANA. TIPO FOWLER B, B₂ E BOHME 50B, C

As fíbulas anulares romanas integram as anulares de aro interrompido e as anulares em ómega. Têm origem em formas pré-romanas, mormente na fivela anular de aro fechado, tão comum nos castros lusitanos. A semelhança com esta fivela pré-romana levou alguns autores a apelidá-la de fivela anular. A designação é todavia imprópria. Independentemente do aspecto formal, a grande diferença entre fivela e fíbula reside na função que desempenham na indumentária, quer feminina, quer masculina. Ambas têm por objecto agramar, embora com finalidades diferentes. A fíbula possui existência própria e serve para agarrar as várias peças do vestuário, desempenhando uma dupla função: a de um acessório como objecto de adorno e a de elemento essencial como objecto funcional.

A fivela faz parte de um complexo, definindo-se em função de um cinto ou correia que serve para cingir o vestuário ao corpo. Consiste numa aplicação de metal a uma fita de cabedal.

O local de origem da fíbula de aro interrompido tem sido discutido por vários especialistas. Alguns sugerem a Inglaterra ou a Península Ibérica. E. Fowler⁽¹⁰⁵⁾ opta pela Inglaterra, porque o seu tipo A, além de aparecer associado a materiais do séc. m a.C., parece inteiramente independente dos achados mais antigos da Península. A mesma autora data do séc. n a.C. as fíbulas deste tipo em castros ibéricos e em Numância⁽¹⁰⁶⁾.

As fíbulas mais divulgadas de Portugal e Espanha, como as de Briteiros, Sabroso e Numância, não se encontram, porém, estratificadas. Não podemos, por isso, assegurar que são posteriores às de Inglaterra. Por outro lado os exemplares de Camulodunum e Leicester datam do séc. i d.C.⁽¹⁰⁷⁾ e os de Zugmantel⁽¹⁰⁸⁾ e

⁽¹⁰⁶⁾ E. Fowler, 1960, p. 155.

^(106a) Fowler, 1960, p. 151 e 158.

⁽¹⁰⁷⁾ Hawkes e Hull, 1947.

⁽¹⁰⁸⁾ Böhme, 1972, p. 46, Est. 31, 1220-1221.

Leicestershire ⁽¹⁰⁹⁾ são já do séc. n ou da primeira metade do in d.C.

A região do Marne (França) é citada ultimamente por Rowlett ^(no) como possível centro de criação desta fíbula. Aponta a descoberta recente, num cemitério de Pernant (Aisne), de uma fíbula de aro interrompido associada a um torques e dois braceletes do séc. iv a.C.

E. Fowler ^(m), por sua vez, sugere que esta fíbula penetrou na Península Ibérica, vinda de Inglaterra, no ano 133 a.C.

Os achados de Saalburg e Zugmantel ⁽¹¹²⁾ atestam-nos que a fíbula em ómega era ainda usada na 1.^a metade do séc. m d.C.

As fíbulas 52-55 correspondem aos tipos 50B de Bohme e B de Fowler.

As fíbulas 56-72 integram-se no tipo B_1 de Fowler ⁽¹¹³⁾, que a autora data do séc. i d.C. No entanto, os exemplares de Saalburg e Zugmantel ⁽¹¹⁴⁾ são do séc. n e da primeira metade do m d.C.

A fíbula 73 corresponde ao tipo B_2 de Fowler ⁽¹¹⁵⁾, que a autora coloca no séc. i d.C. Um exemplar similar de Richborough ⁽¹¹⁶⁾ é datado do período claudiano.

Finalmente, as fíbulas 74-75, se bem que pertençam a esta categoria, estão bastante fragmentadas, não permitindo quaisquer considerações.

52. O aro, de forma e de secção circulares, tem os extremos voltados para fora, em forma de fita.
53. O aro é circular e de secção facetada; é decorado a espaços desiguais por cinco séries de três sulcos transversais.
Os extremos do aro são idênticos aos do anterior.
54. O aro, de forma e de secção circulares, tem os extremos em forma de toro.

⁽¹⁰⁹⁾ Fowler, 1960, p. 172.

^(no) Rowlett, 1966, p. 133, autor citado por Fionna Stewart, 1971.

^(m) E. Fowler, 1960, p. 158.

^(112j) Bohme, 1972, p. 46.

⁽¹¹⁸⁾ Fowler, 1960, p. 151.

^(1M) Bohme, 1972, p. 46, Est. 31, 1216-1219.

⁽¹¹⁶⁾ Fowler, 1960, p. 151.

^(11#) Hull, 1968, p. 92, Est. 33.

55. O aro circular é de secção facetada ou losangonal; é decorado por sulcos longitudinais. Os seus extremos dobram-se para fora e quase tocam no aro.
56. O aro circular é de secção facetada. Os seus extremos são constituídos por duas molduras anelares e rematam num botão cónico.
57. O aro é de forma e de secção circulares. As pontas terminam em quatro molduras anelares. Tem fusilhão.
58. O aro circular é de secção facetada. Os seus extremos terminam em botões prismáticos.
59. Exemplar idêntico ao anterior. Possui fusilhão.
60. O aro é de forma e secção circulares. Os seus extremos terminam em botões cónicos.
61. O aro é circular e de secção facetada. Os seus extremos terminam em botões cónicos facetados. Possui fusilhão.
62. O aro é de forma e de secção circulares. Os seus extremos compõem-se de três molduras anelares rematadas por um botão prismático. Possui fusilhão.
63. O aro é circular e de secção facetada. O seu extremo é coroado por um botão cónico facetado.
64. O aro é de forma e de secção circulares. O extremo é decorado por três molduras anelares.
65. O aro é de forma e de secção circulares. Os seus extremos são sublinhados por estrias anelares. Possui fusilhão.
66. O aro é oval e de secção circular. Os seus extremos compõem-se de molduras anelares. Tem fusilhão.
67. O aro é ligeiramente oval e de secção circular. O extremo é formado por quatro molduras anelares.
68. O aro, de forma circular, é de secção facetada. O extremo termina em botão cónico.⁶⁹
69. O aro circular é de secção facetada. Os extremos terminam em botões cónicos.

70. O aro é de forma e de secção circulares. O extremo termina em botão cónico.
71. O aro é de forma e de secção circulares. Os seus extremos terminam numa espécie de cápsula estriada por urna moldura. Tem fusilhão.
72. O aro é de forma e de secção circulares. Os extremos são sublinhados por duas ranhuras largas e terminadas em botão cónico.
73. O aro é oval e de secção circular. Os seus extremos terminam numa cápsula estriada por três molduras e coroada por uma protuberância.
74. O aro é de forma circular e de secção facetada.
75. O aro é de forma e de secção circulares.

FÍBULAS ATÍPICAS

A fíbula 24 não cabe em nenhuma tipologia romana. No entanto, consideramo-la de feição romana, dado apresentar algumas semelhanças com diversos tipos romanos; a decoração e a forma espatulada do pé sugerem os tipos *Augenfibel* e *Armsbrustfibel*, e o modo de agrafar é idêntico ao do último tipo.

Por outro lado, esta fíbula acusa um certo arcaísmo quanto à estrutura da mola. Esta é unilateral, sugerindo alguns modelos proto-etruscos e etruscos (^{U7}).

Dada a hibridez de elementos, é-nos impossível datá-la.

A fíbula 25 sugere pela sua decoração e forma tubular do pé certos tipos em P, datáveis dos fins do séc. I d.C.

Por outro lado, a peça conserva apenas uma volta da mola, que tanto poderia originar uma mola unilateral, como uma mola bilateral. Deste modo, é-nos igualmente impossível datá-la.

A fíbula 26 não se integra em nenhum grupo romano conhecido. Para ela não achamos paralelo. Registamos apenas a seme-

(¹¹⁷) Déchelette, 1927, fig. 224,1; Montelius, 1895, Est. 57,3; Est. 155,1; Est. 157,1; Est. 163,3; Est. 262,4; Daremberg e Saglio, 1896, figs. 2988, 3022-3023.

lança que tem com uma fíbula de cobre de Idanha-a-Velha ⁽¹¹⁸⁾, da qual difere pela ornamentação e número de espiras da mola.

A fíbula 27, tal como as anteriores, é urna forma romana de proporções reduzidas. Desenha de perfil um P. Apresenta um pequeno arco semicircular, um pé e descanso longos e afunilados. Também não conhecemos paralelo para esta fíbula.

24. Fíbula completa, feita de uma só peça.
O arco, de secção semicircular, é decorado por dois X inscritos em quadrado dividindo o arco em duas partes. A extremidade superior enrola-se em espiral, formando a única volta da mola e em seguida o fusilhão.
O pé é espatulado e decorado com entalhes e chanfros.
O descanso é pequeno e ocupa um terço do pé.
25. O arco é fitiforme e decorado por três séries de molduras transversais que intercalam dois X.
Da mola apenas existe o começo da primeira volta.
O pé forma com o descanso um toro.
26. Fíbula apenas fragmentada no descanso. É feita de uma única peça.
O arco é abatido e de secção semicircular.
A mola é bilateral, simétrica (4 voltas) e de corda exterior ao arco.
O fusilhão é curvo junto à mola.
O pé é longo e espatulado.
27. O arco é peraltado e semicircular.
O pé, de forma triangular, é longo e espatulado.
O descanso é de forma tubular.

FÍBULA INCLASSIFICÁVEL

O estado fragmentário da nossa peça 51 e a carência de paralelos não nos permitem classificá-la.

51. O arco é em forma de naveta invertida, de arestas biseladas e com uma protuberância circular, perfurada no centro.

⁽¹¹⁸⁾ Almeida, 1965, Est. 1, fig. 1-2.

ABREVIATURAS USADAS

- Aberg, 1930: Nils Aberg, *Bronzezeitliche und Früheisenzeitliche Chronologie*, Estocolmo, 1930.
- Allain, 1966: J. Allain, A. Cothenet, Th. Poulain-Josien et M. Vauthey, *Un dépotoir augustéen à Argentomagus (Saint-Marcel, Indre)*, «Revue Archéologique du Centre», Paris, 5, 1966, p. 3-31.
- Almagro, 1966: Martin Almagro, *Sobre el origen posible de las más antiguas fibulas anulares hispánicas*, «Ampurias», Barcelona, 28, 1966, p. 215-236.
- Almeida, 1965: D. Fernando d'Almeida e O. da Veiga Ferreira, *Fibula Ornamentada da Idanha-a-Velha*, «Arquivo de Beja», Beja, 22, 1965, p. 161-166.
- Almgren, 1923: Oscar Almgren, *Studien über nordeuropäische Fibelformen der ersten nachchristlichen Jahrhunderte mit Berücksichtigung der provincialrömischen und südrussischen Formen*, «Mannus-Bibliothek», Lipsia, 32, 1923.
- Armand-Calliat, 1944: Louis Armand-Calliat, *Les fouilles de Marloux*, «Gallia», Paris, 2, 1944, p. 25-41.
- Arribas, 1969: A. Arribas Palau, *La Andalucía Oriental y el Problema de Tartessos*, «Tartessos. V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular», Barcelona, 1969, p. 199-202.
- Böhme, 1972: Astrid Böhme, *Die Fibeln der Kastelle Saalburg und Zugmantel*, «Saalburg-Jahrbuch», Berlín, 29, 1972, p. 5-112.
- Bosch Gimpera, 1915-20: Bosch Gimpera, *El poblat del Tossal Bedö*, «Anuari de Institut d'Estudis Catalans», Barcelona, 6 1915-20.
- Boüard, 1966: M. de Boüard, *Circonscription de Haute et Basse Normandie*, «Gallia», Paris, 24, 1966, p. 257-273.
- Boube, 1966: Jean Boube, *Une fibule à inscription du type d'Aucissa au Musée de Babai*, «Bulletin d'Archéologie Marocaine», Rabat, 6, 1966, p. 517-521.
- Brailsford, 1962: J. W. Brailsford, *Hod Hill I. Antiquities from Hod Hill in the Durden Collection*, Londres, 1962.
- Bulliot, 1899: Bulliot, *Fouilles du Mont-Beuvray de 1867 à 1895*, Au tun, 1899.
- Bushe-Fox, 1932: J. P. Bushe-Fox, *Third Report on the Excavations of the Roman Fort at Bichborough, Kent*, Oxónia, 1932.
- Chaves, 1915: Luis Chaves, *Segunda Exploração Arqueológica do Outeiro de Assenta (Terço de Obidos)*, «O Archeologo Português», Lisboa, 20, 1915, p. 258-271.

- Courtois, 1961: J.-Cl. Courtois, *Objects provenant d'un cimetière protohistorique et gallo-romain a Lanslevillard (Savoie)*, «Gallia», Paris, 19, 1961, p. 245-248.
- Cuadrado, 1957 : Emeterio Cuadrado, *Problemas de la Fibula Anular Hispânica*, Salamanca, 1957.
- Cuadrado, 1963: Emeterio Cuadrado, *Precedentes y Prototipos de la fibula anular hispânica*, Madrid, 1963.
- Cuevillas, 1968: Fiorentino Cuevillas, *A Edade do Ferro na Galiza*, (Publicados da Real Academia Gallega), Corunha, 1968.
- Cunliffe, 1968: Barry Cunliffe, *Fifth Report on the Excavations of the Roman Fort at Richborough, Kent*, Oxónia, 1968, p. 77-93.
- Cunliffe, 1971: Barry Cunliffe, *Excavations at Fishbourne 1961-1969*, Leeds, 1971, p. 100-107.
- Daremberg et Saglio, 1896: Ch. Daremberg et Edm. Saglio, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Paris, 2.® partie (F-O), 1896.
- Déchelette, 1927: Joseph Déchelette, *Premier Age du Fer ou Époque de Hallstatt*, Paris, 1927.
- Déchelette, 1927 (1): Joseph Déchelette, *Deuxième Age du Fer ou Époque de la Tène*, Paris, 1927.
- Faider-Feytmans, 1965: G. Faider-Feytmans, *La Nécropole gallo-romaine de Thuin. Fouilles du Musée de Mariemont (Régique)*, Mariemont, 1965.
- Fortes, 1904: José Fortes, *Fibulas e Fivelas*, «O Archeologo Português», Lisboa, 9, 1904, p. 1-11.
- Fortes, 1905: José Fortes, *As Fibulas do Noroeste da Península*, «Portugália», Lisboa, 2, 1905-1908, p. 15-33.
- Fouet et Savès, 1971: J. Fouet et J. Savès, *Le Bronze à Vieille-Toulouse: trouvailles anciennes*, «Revue Archéologique de Narbonnaise», Paris, 4, 1971, p. 47-92.
- Fowler, 1960: E. Fowler, *The origins and developments of the penannular brooch in Europe*, «Proceedings of the Prehistoric Society», 26, 1960, p. 149-177.
- Freijeiro, 1957 : A. Blanco Freijeiro, *Origen y relaciones de la orfebrería castreña*, Santiago de Compostela, 12, 1957, p. 3-28.
- Freijeiro, 1960: A. Blanco Freijeiro, *Orientalia II*, «Archivo Espanol de Arqueologia», Madrid, 33, 1960, p. 3-43.
- Frischbier, 1922: E. Frischbier, *Germanische Fibeln im Anschluss an den Pyrmonter Brunnenfund*, «Mannus Bibliothek», Lipsia, 28, 1922.
- Gavelle, 1962: Robert Gavelle, *Notes sur les fibules gallo-romaines recueillies à Lugdunum Convenarum (Saint-Bertrand de Comminges)*, «Ogam», Rennes, 14, 1962, p. 201-236.
- Graeser, 1964: Gerd Graeser, *Ein reiches gallo-romisches Grab aus dem Binnthal Wallis*, «Ur-Schweiz», 28, 1964, p. 29-39.
- Guide A. R. B., 1964: *Guide to the Antiquities of Roman Britain*, Londres, 1964.
- Hatt, 1943: Jean-Jacques Hatt, *Les fouilles de Gergovie . La campagne de 1942*, «Gallia», Paris, 1, 1943, p. 97-124.
- Hatt, 1960: Jean Jacques Hatt, *Circonscription de Strasbourg*, «Gallia», Paris, 18, 1960, p. 213-246.

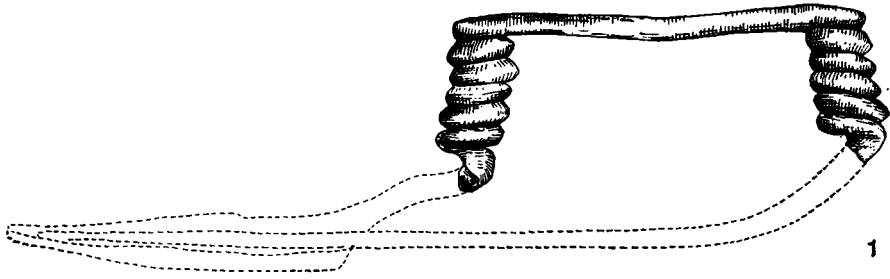
- Hawkes and Hull, 1947: F. G. Hawkes and Hull, *Camulodunum. First Report on the Excavations at Colchester 1930-1939*, Oxónia, 1947.
- Kimmig, 1954: W. Kimmig, *Zur Urnenfelderkultur in Südwesteneuropa*, «Festschrift für Peter Goessler», Estugarda, 1954.
- Knez, 1969: Tone Knez, *Neue Romische Graber in Dolenjsko (Unterkrain)*, «Razprave», Liubliana, 6, 1969, p. 109-160.
- Kramer, 1957: Werner Kramer, *Cambodunumforschungen, 1953-1*, Kallmünz, 1957.
- Kramer, 1960: Werner Kramer, *Südtiroler Bodenfunde aus dem Münchner Kunsthandel*, «Germania», 38, 1960, p. 30-31.
- Lerat, 1956: L. Lerat, *Les fibules gallo-romaines de Besançon*, Paris, 1956.
- Lerat, 1957: L. Lerat, *Les fibules gallo-romaines de Mandeure*, Paris, 1957.
- Lopo, 1900: Albino P. Lopo, *Museu Municipal de Bragança*, «O Archeologo Português», Lisboa, 5, 1900, p. 336-337.
- Lopo, 1900 (*): Albino L. Lopo, *Estevais do Mogadouro*, «O Archeologo Português», Lisboa, 5, 1900, p. 249-253.
- Maluquer de Motes, 1958: J. Maluquer de Motes, *Excavaciones arqueológicas en el Cerro del Berruenco*, «Acta Salmanticensia», Salamanca, 14, 1958, p. 7-115.
- Maluquer de Motes, 1958 f¹): J. Maluquer de Motes, *El Castro de los Castillejos en Sanchorreja*, Universidade de Salamanca, 1958.
- Marovic, 1961: I. Marovic, *Fibeln mit Inschrift vom Typus Aucissa in den archaologischen Museen von Zagreb, Zadar und Split*, «Jahrbuch des Römisch-Germanischen Zentral-Museums», Mainz, 1961.
- Montelius, 1895: Oscar Montelius, *La Civilisation Primitive en Italie*, Estocolmo, 1895.
- Moran, 1956-61: P. César Moran, *Excavaciones en castros de la provincia de León*, «Noticiário Arqueológico Hispanico», Madrid, 5, 1956, 61, p. 98-134.
- Navarro, 1970: Rosario Navarro, *Las Fíbulas en Cataluña*, Barcelona, 1970.
- Nunes, 1959: J. de Castro Nunes, *Fibulas de tipo Nauheim no castro da Lomba do Canho, em Arganil*, «Revista de Guimarães», 69, 1959, p. 5-23.
- Patek, 1942: E. Von Patek, *Verbreitung und Herkunft der romischen Fibeltypen von Pannonfen*, «Dissertationes Panonicae», série 2, 19, 1942.
- Petru, 1969: Peter Petru, *Romische Graber aus Dobova, Ribnica und Petrusnja vas*, «Razprave», Liubliana, 6, 1969, p. 48-82.
- Piganiol, 1965: André Piganiol, *Cir conscription de Paris (région nord)*, «Gallia», Paris, 23, 1965, p. 301-327.
- Pirón, 1970: Daniel Pirón, *Les fibules gallo-romaines du Château — Musée de Blois*, «Revue Archéologique du Centre», Paris, 9, 1970, p. 110-122.
- Ritterling, 1913: E. Ritterling, *Das Frühromische Lager bei Hofheim im Taunus*, «Annalen des Vereins für Nassauisch Altertumskunde und Geschichts Forschung», Wisbaden, 40, 1913.
- Santos Júnior, 1963: Santos Júnior, *Escavações no castro de Carvalhelhos (Campanha de 1963)*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 19, 1963, p. 187-193.

- Schüle, 1961: Guilherme Schüle, *Las más antiguas fibulas con pie alto y ballesta*, Madrid, 1961.
- Schüle, 1969: Wilhelm Schüle, *Die Mesetalkulturen der Iberischen Halbinsel*, Madrid, 1969.
- Simon, 1968: Hans-Günther Simon, *Das Klein Kastell Degerfeld in Butzbach, Kr. Friedberg (Hessen) Datierung und Funde*, «Saalburg-Jahrbuch», Berlin, 25, 1968, p. 5-64.
- Sribar, 1968: Vinko Sribar, *K Absolutni Kronologiji najdb iz zgodnje emone*, «Arheoloski Vestnik», Ljubliana, 19, 1968, p. 445-453.
- Stewart, 1971: Fionna G. Stewart, *Marnian light on Iberian penannular brooches*, «Antiquity», Londres 1971, p. 216-218.
- Sundwall, 1943: Johannes Sundwall, *Die alteren italischen fibeln*, Berlin, 1943.
- Supiot, 1936: J. Supiot, *Papeletas de Orfebrería barabra. Fibulas Visigodas*, «Boletín dei Seminario de Estudios de Arte y Arqueología», Valladolid, 10, 1936, p. 97-115.
- Terrisse, 1960: Jean-R. Terrisse, *A propos de quelques fibules romaines*, «Ogam», Rennes, 12, 1960, p. 165-168.
- Thill, 1969: Gérard Thill, *Fibeln aus den Beständen des Luxemburger Museums*, «Triere Zeitschrift», Trier, 32, 1969, p. 133-171.
- Ulbert, 1959: Günter Ulbert, *Die Bömischen Donau-Kastelle Aislingen und Burghofe*, Berlin, 1959.
- Ulbert, 1969: Gunter Ulbert, *Das fruhromische Kastell Bheingonheim. Die Funde aus den Jahren 1912 und 1913*, Berlin, 1969.
- Viana, 1954: Abel Viana, *Cidade Velha de Santa Luzia*, «Revista de Guimarães», Guimarães, 64, 1954, p. 40.
- Viana, 1956: A. Viana y A. D. de Deus, *Nuevas necropolis crtto-romanas de la region de Eivas (Portugal)*, «Archivo Español de Arqueología y Historia», 1956, p. 229-253.
- Walke, 1965: Norbert Walke, *Das Bomische Donau-kastell Straubing-Sorviodurum*, Berlin, 1965.
- Wheeler, 1930: Wheeler, *London in Boman Times*, Londres, 1930.

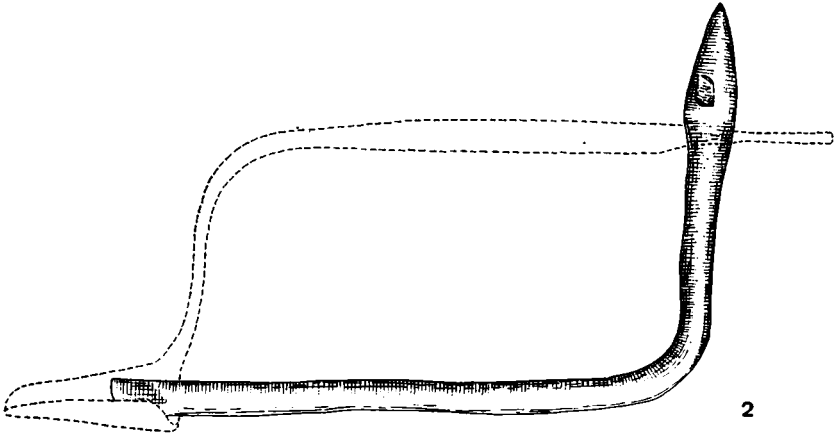
SÁLETE DA PONTE

(Página deixada propositadamente em branco)

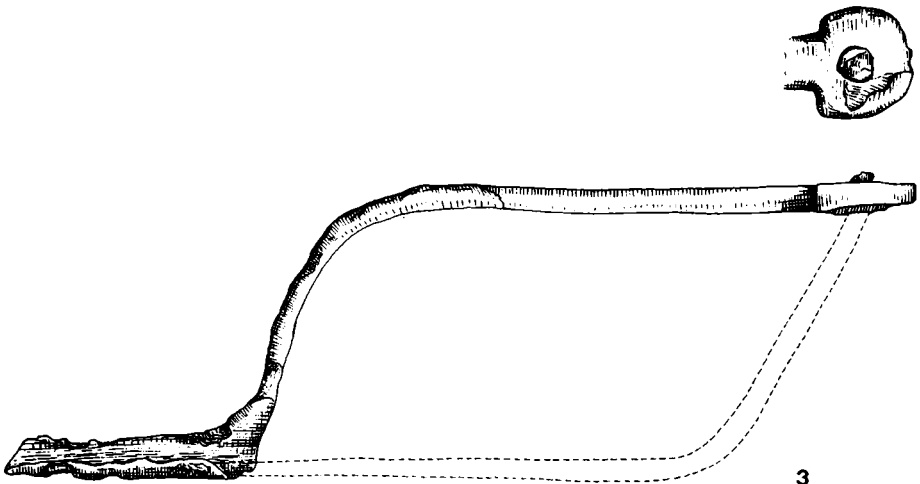
Est. 1



1



2

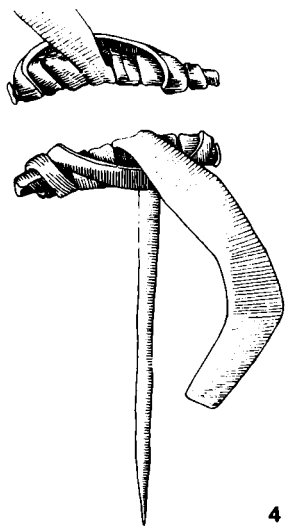


3

Escala 1:1

1. Fibula de Dupla Mola. 2 e 3. Fibulas em Mola.

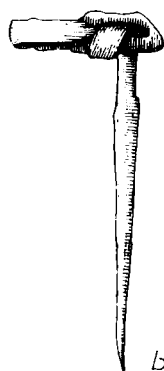
Est. II



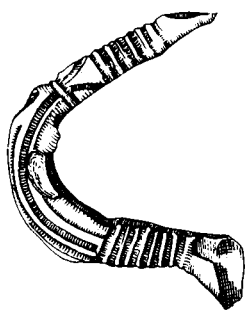
4



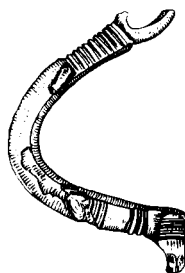
c



b



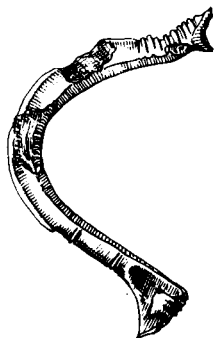
6



5



7



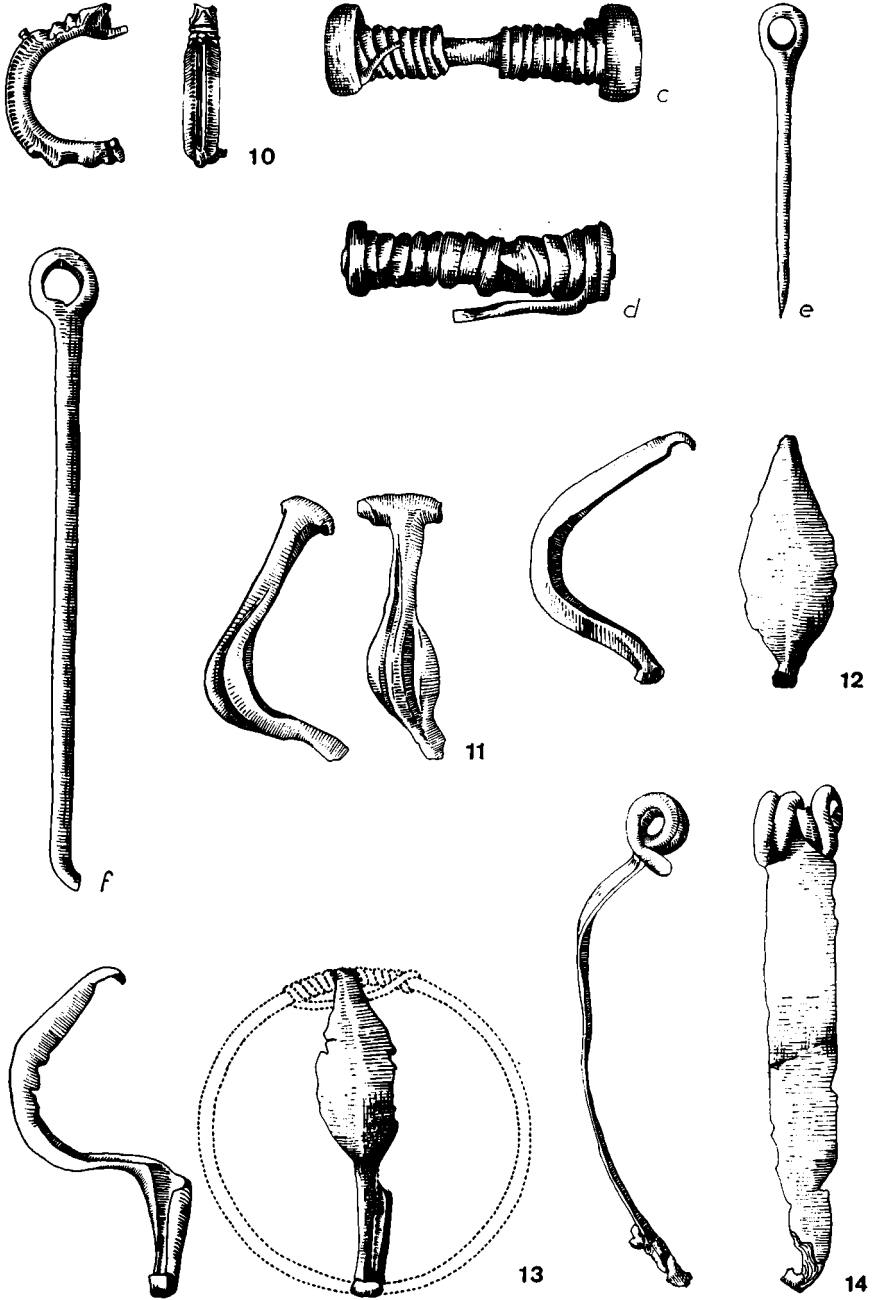
8



9

Escala 1:1

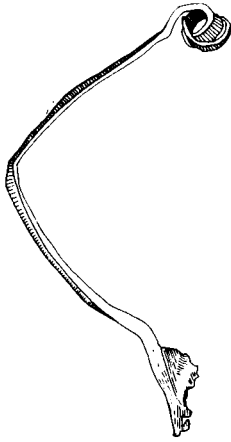
4.a.b. Fibula de Bencarrón. 5-9. Fíbulas Transmontanas



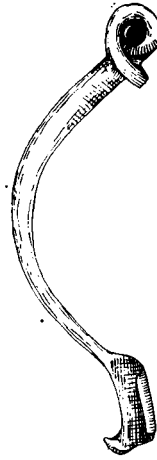
Escala 1:1

10.c-f. Fibula Transmontana. 11-13. Fibulas Anulares Hispánicas.
14. Fibula de Nauheim

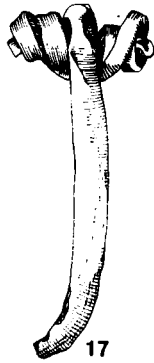
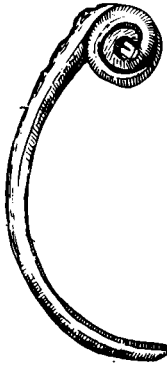
Est. IV



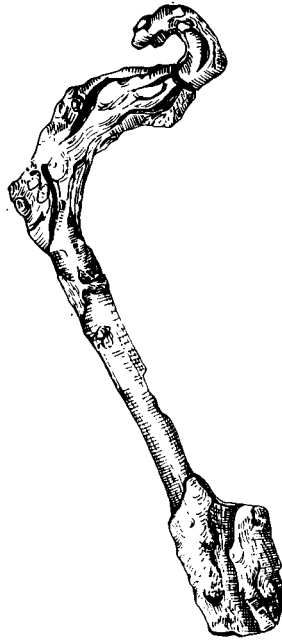
15



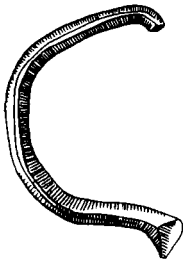
16



17



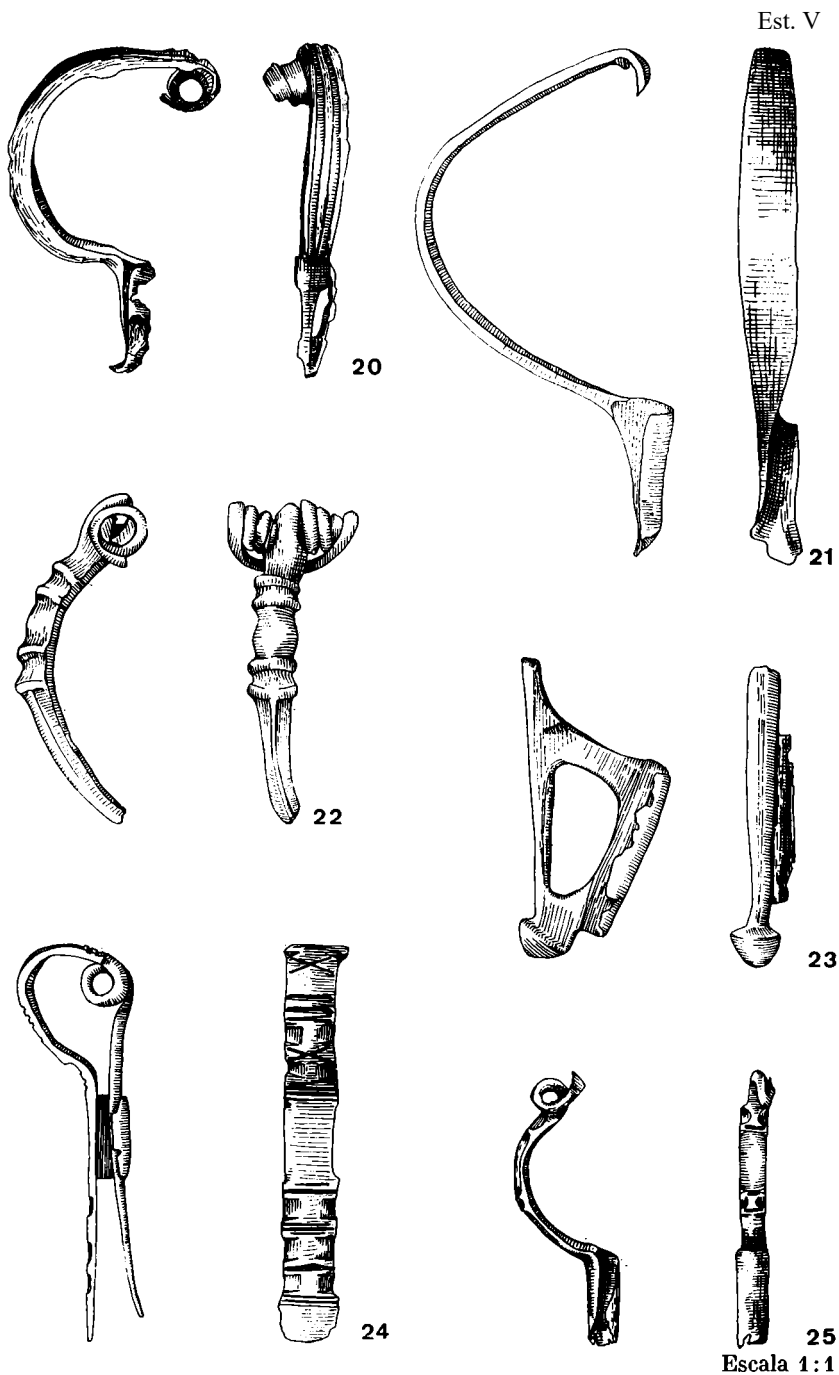
18



19

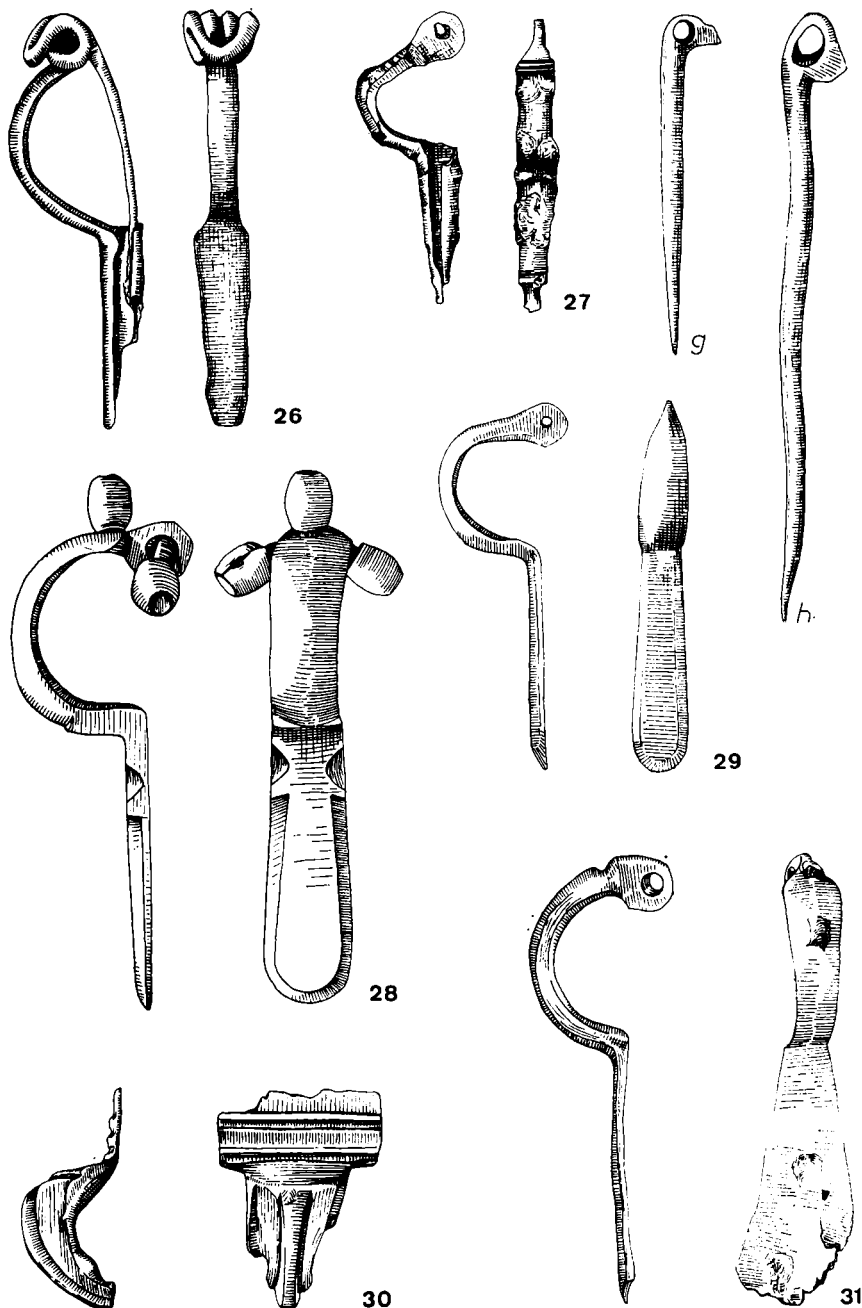
Escala 1:1

15-17. Fibula de Nauheim. 18. Fibula de La Tène III. 19. Fibula de Nauheim



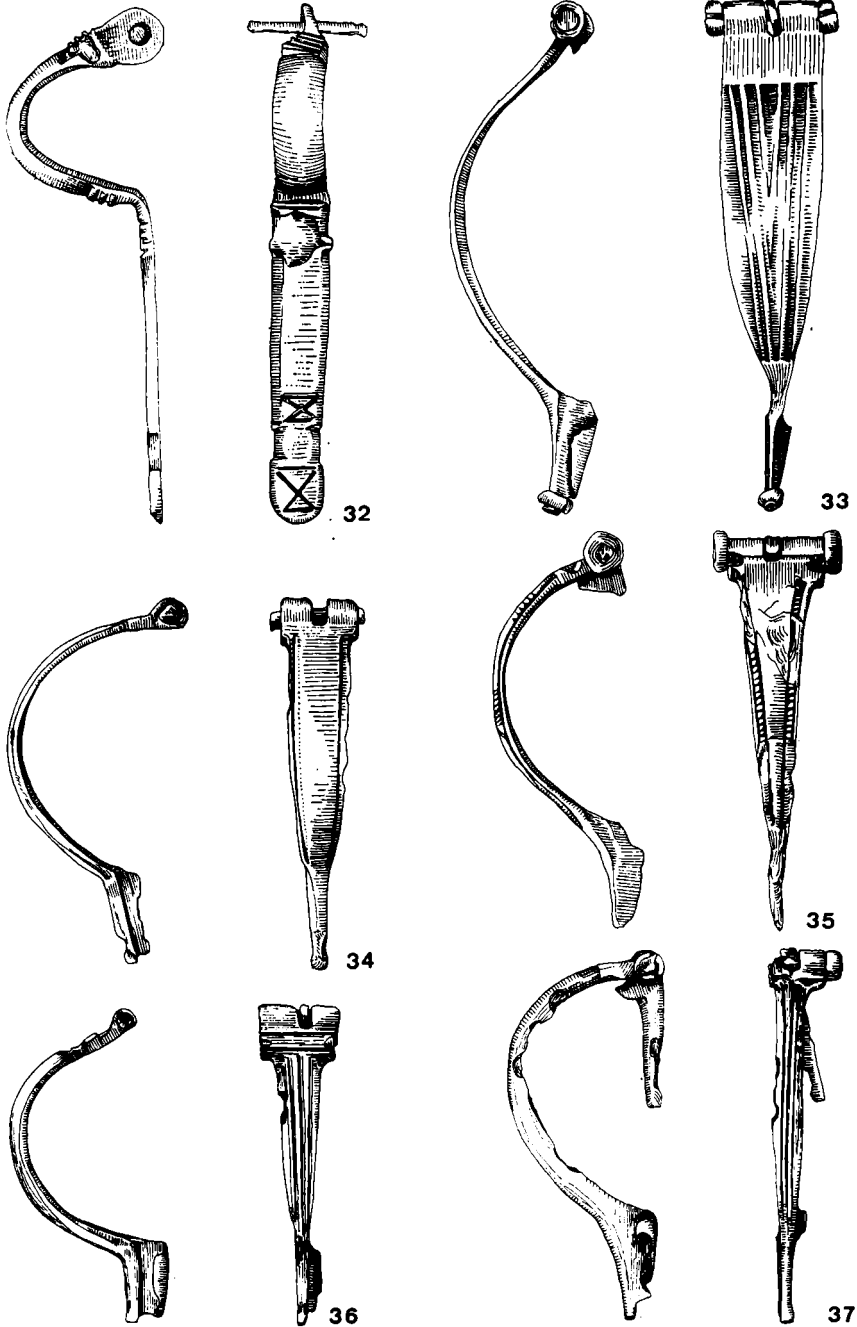
20 e 21. Fibula de Nauheim. 22 e 23. Fíbulas de La Tène III. 24 e 25. Fíbulas Atípicas

Est. VI



Escala 1:1

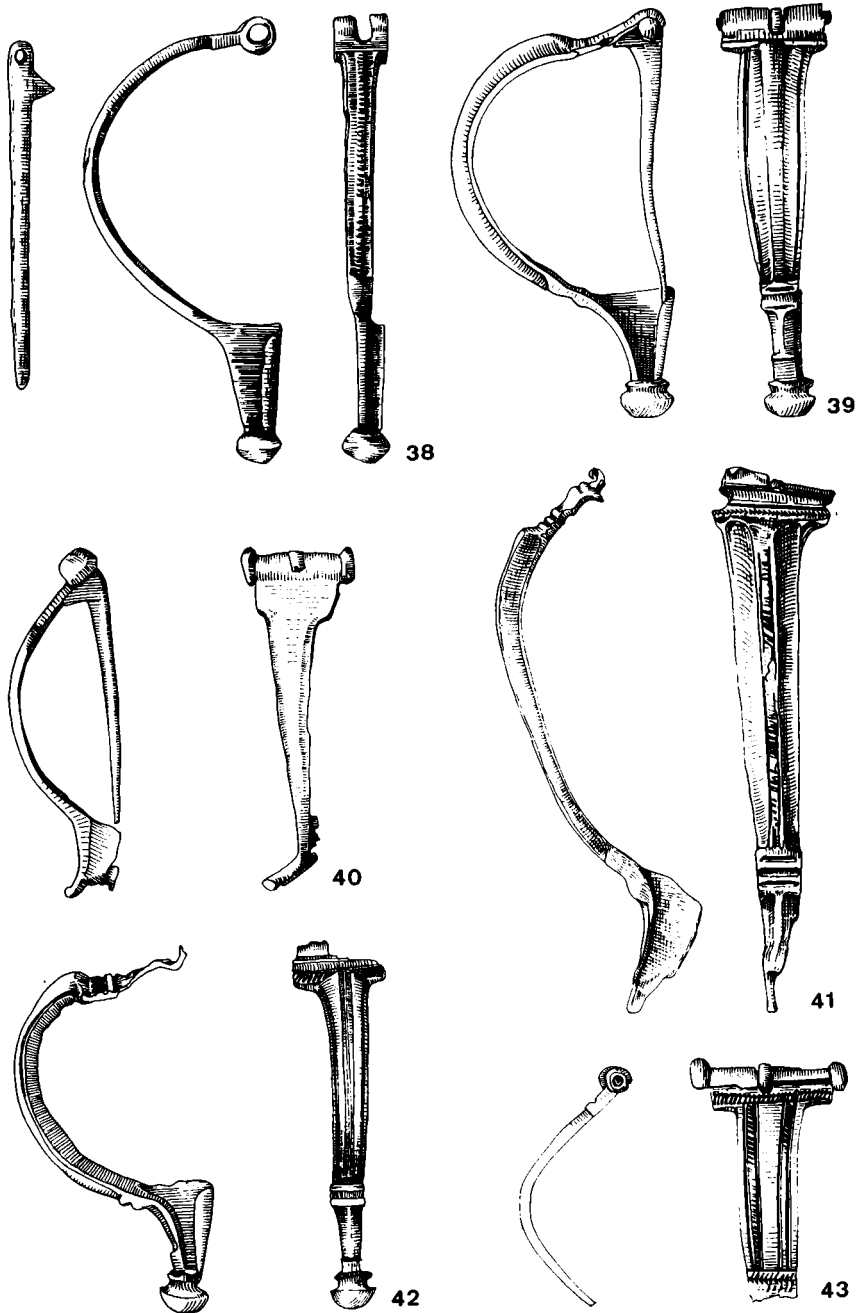
26 e 27. Fibulas Atípicas. g-h. Fibula de Charneira. 28, 29 e 31. Fibulas em P. 30. Fibula em Cauda de Pavão.



32. Fibula em P. 33. Fibula de Charneira de Arco Triangular. 34-37. Fibula de Aucissa

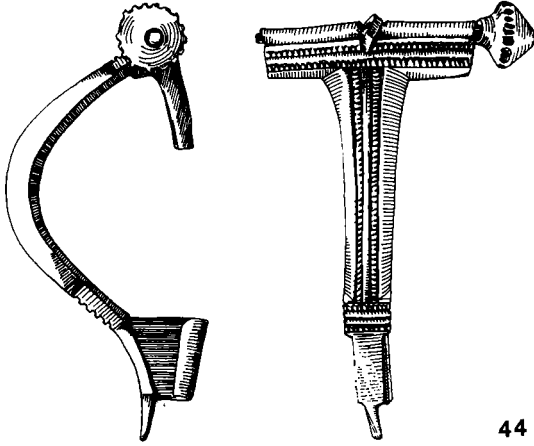
Escala 1:1

Est. VIII

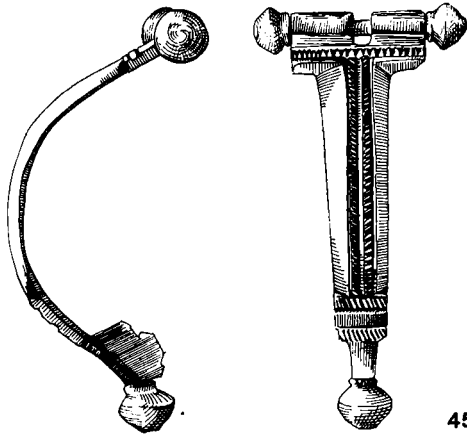


Escala 1:1

38-43. Fibulas de Aucissa



44

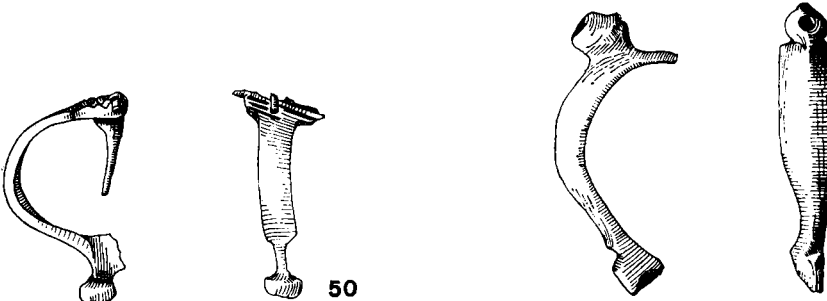
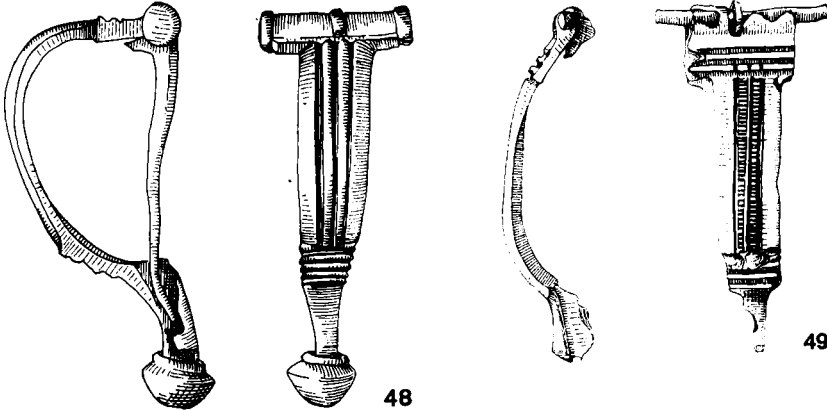
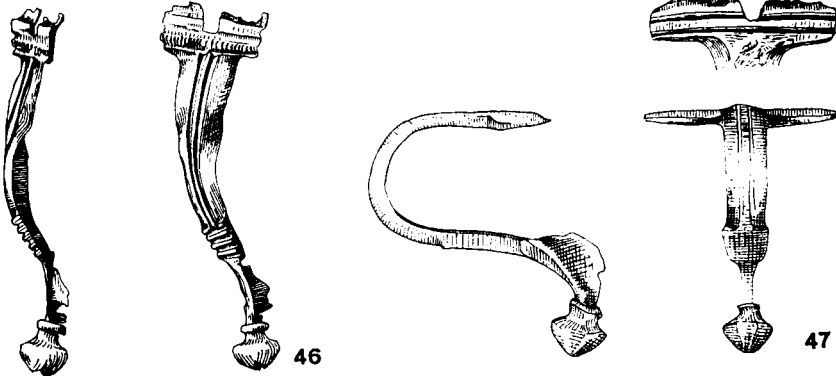


45

Escala 1:1

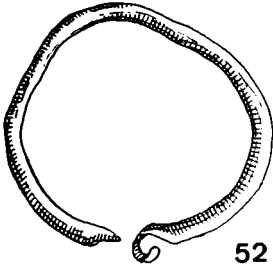
44 e 45. Fibulas de Aucissa

Est. X

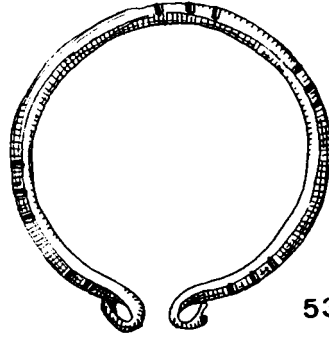


Escala 1:1

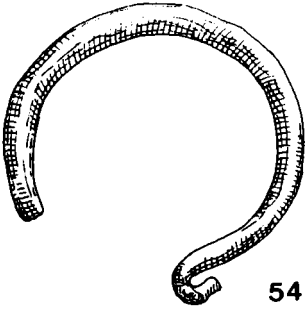
46-50. Fíbulas de Aucissa. 51. Fíbula Inclassificável



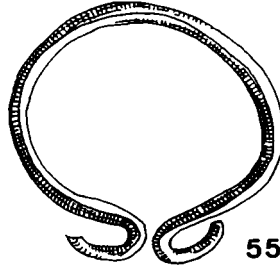
52



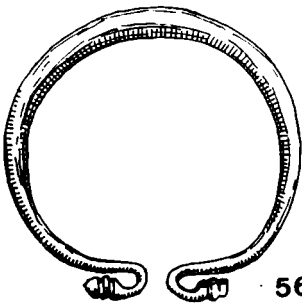
53



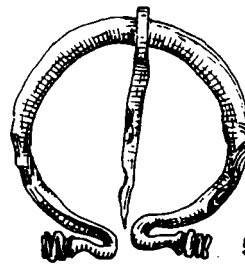
54



55



56

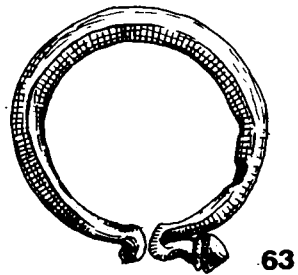
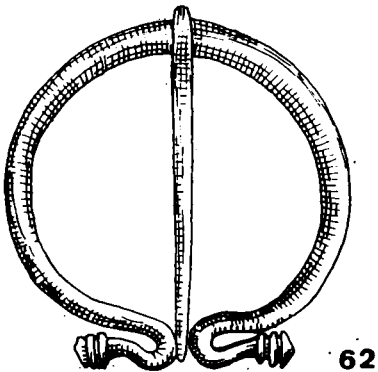
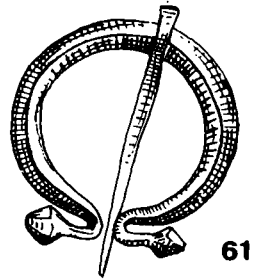
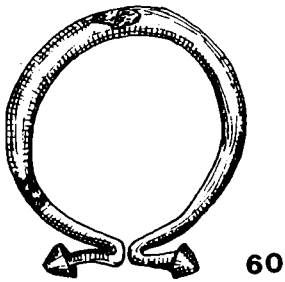
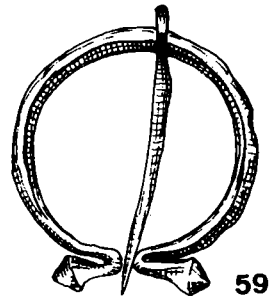
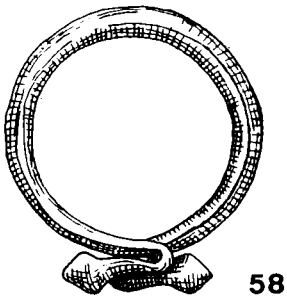


57

Escala 1:1

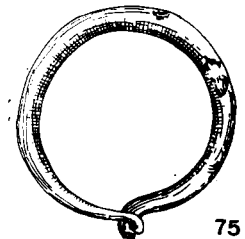
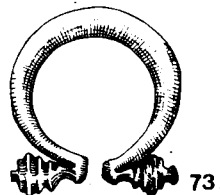
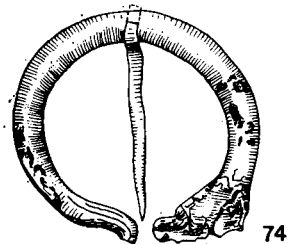
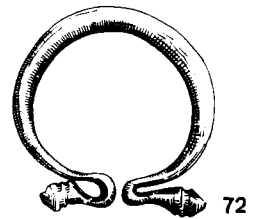
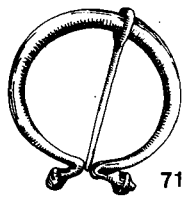
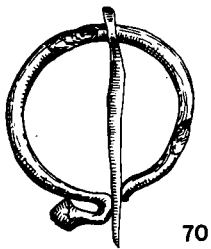
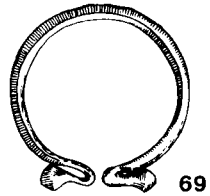
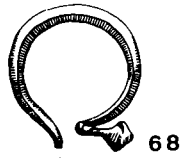
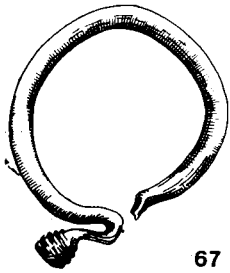
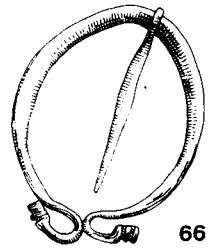
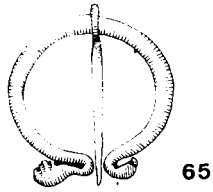
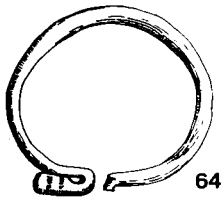
52-57 Fibulas Anulares Romanas

Est. XII



Escala 1:1

58-63. Fibulas Anulares Romanas



Escala 1:1

64-75. Fibulas Anulares Romanas.